



Ensino Fundamental
Anos Iniciais

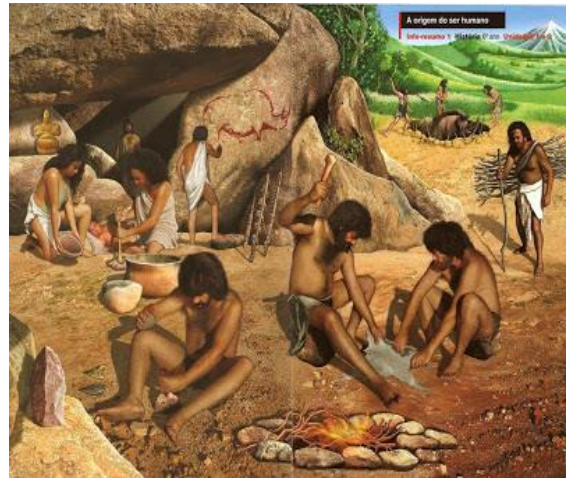
4

História

Manual exclusivo do aluno

Capítulo 1

O Estudo da História



Por que estudar História?

A História é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais. Nesse sentido, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo. É feita por homens, mulheres, crianças, ricos e pobres; por governantes e governados, por dominantes e dominados, pela guerra e pela paz, por intelectuais e principalmente pelas pessoas comuns, desde os tempos mais remotos, está presente no cotidiano e serve de alerta à condição humana de agente transformador do mundo.

Ao estudar a História nos deparamos com o que os homens foram e fizeram, e isso nos ajuda a compreender o que podemos ser e fazer. Assim, a História é a ciência do passado e do presente, mas o estudo do passado e a compreensão do presente não acontecem de uma forma perfeita, pois não temos o poder de voltar ao passado e ele não se repete. Por isso, o passado tem que ser “recriado”, levando em consideração as mudanças ocorridas no tempo. As informações recolhidas no passado não servirão ao presente se não forem recriadas, questionadas, compreendidas e interpretadas.

A História não se resume à simples repetição dos conhecimentos acumulados. Ela deve servir como instrumento de conscientização dos homens para a tarefa de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

Fontes Históricas

Quando começamos a estudar História, logo nos perguntamos: “como é que posso saber se o que aconteceu no passado foi real?” Ou ainda: “Que tipo de *prova* o historiador oferece aos seus leitores, de modo a confirmar a veracidade daquilo que ele está expondo”? Pois então, as respostas para essas perguntas necessitam de um esclarecimento sobre aquilo que se denomina “fontes históricas”.

Para que se entenda bem o que são as fontes históricas, é necessário que se saiba que a palavra fonte aqui é entendida no sentido de documento, ou seja, algo em que está registrado o testemunho de algum evento que ocorreu no passado. Nesse sentido, as fontes ou documentos históricos constituem tudo o que ser humano produziu desde os

seus primórdios. Tais fontes podem ser desde artefatos arqueológicos até dispositivos eletrônicos feitos no século XX, como os primeiros computadores ou microchips.

Há, é claro, uma diferença de complexidade entre as fontes. Por exemplo: as túnicas que os romanos usavam na época do império são fontes históricas menos complexas que o poema *Eneida*, de Virgílio, que narra toda a história da civilização romana. Entretanto, a história do vestuário, bem como a história literária, são igualmente importante para se compreender bem um dado período histórico, haja vista que cada uma delas se debruça sobre um objeto específico.

Os pedaços de cerâmicas, as pedras lascadas e polidas, as urnas funerárias com ossos humanos, as pinturas rupestres e toda a gama de achados arqueológicos são também fontes históricas, pois dizem respeito aos ancestrais do homem contemporâneo. O que diferencia os registros do homem pré-histórico dos registros dos outros animais é a produção de Sistemas Simbólicos.

Nenhum outro animal, além do homem, desenvolveu artefatos como machadinhas feitas de ossos ou de pedra, tampouco desenharam nas paredes das cavernas cenas com forte carga simbólica.

Há, inclusive, estudos especiais sobre determinados tipos de fontes históricas, como a numismática. O estudo denominado numismático tem por objetivo a análise, sob o ponto de vista histórico, das moedas. “Numisma”, em grego, significa “moeda”.

Por meio dos vários tipos de moedas que já foram cunhadas ao longo da história, desde a primeira delas, feita pelo rei persa Dario I (chamada *Dário*), até as atuais, as moedas testemunham situações políticas, econômicas e culturais.

Outro exemplo de fontes históricas bem instigantes são os monumentos, que são, também, marcos de memória. Vejamos um exemplo: as pirâmides do Egito, localizadas no Vale de Gizé, próximo à atual cidade de Cairo.

Elas testemunham a vigor civilizacional da época dos faraós, que as construíram para que funcionassem como mausoléus para guardar os corpos e a riqueza. Contudo, dada a sua perenidade, as pirâmides também compuseram o cenário de muitos outros acontecimentos históricos relevantes, como a batalha que as tropas de Napoleão Bonaparte travaram contra os mamelucos no Egito.

As Pirâmides, milênios após sua construção, estavam lá, como marcos de memória de muitas glórias passadas.

Nesse sentido, as fontes históricas são variadas e muito amplas. Cada tipo de fonte exige do historiador uma habilidade e uma especialidade diferentes. Ao historiador compete interpretar bem tais fontes e extrair delas aquilo que sustentará a sua argumentação.

A diferença da prova, em história, para a prova, no âmbito de outras ciências, diz respeito ao modo como o historiador maneja as fontes na narrativa que ele constrói.

Reconstruindo a História

Imagine que você recebeu a incumbência de reconstruir a história de sua família. Como faria isso?

Certamente, teria de conversar com seus pais, avós, tios e, quem sabe, com alguns amigos da sua família. Além disso, seria preciso conseguir alguns documentos, como certidões de nascimento, de casamento, etc. Fotos antigas também ajudariam muito. Em resumo, você teria de levantar todas as fontes que o auxiliariam em sua tarefa.

Reconstruir a História do homem é trabalho do historiador e, para realizá-lo, ele terá de procurar todos os registros possíveis. Esses registros da presença do homem de suas realizações são chamados de Fontes Históricas.

São consideradas fontes históricas – lendas, canções populares, cartas, diários, biografias, constituições, fósseis, moedas, armas, monumentos, mapas, esculturas, retratos, etc.

O homem constrói e transforma a História

O homem iniciou o processo de construção da História e partir do momento em que, movido por suas necessidades de alimentação, abrigo, proteção, começou a transformar a natureza. Com seu poder de criação, confeccionou instrumentos que lhe permitiam coletar alimentos mais facilmente e o ajudavam a caçar e a pescar; obteve criativamente o fogo; procurou abrigo em cavernas e, mais tarde, construiu choupanas para morar.

Mas lembre-se sempre de que História é feita por todas as pessoas, e não só pelos governantes e heróis. Nós fazemos a História do nosso tempo, pois todas as transformações são fruto da ação humana.

Conhecer História e compreender o tempo em que você vive vão torná-lo uma pessoa capaz de exercer plenamente sua cidadania e ajudá-lo a transformar o mundo em um local melhor para se viver, no qual todas possam ter dignidade.

Compreensão

1. História é a ciência que:

- a) estuda os acidentes históricos e geográficos do planeta Terra;
- b) se fundamenta unicamente em documentos escritos;
- c) estuda os acontecimentos do passado dos homens, utilizando-se dos vestígios que a humanidade deixou;
- d) estuda os acontecimentos presentes para prever o futuro da humanidade;
- e) estuda a causalidade dos fenômenos físicos e sociais com base no empirismo

2. Dentre as opções abaixo, qual delas apresenta apenas exemplos de fontes escritas?

- a) Diários, jornais e leis.
- b) Pinturas, utensílios domésticos e certidões de nascimento.
- c) Revistas, livros e vestimentas.
- d) Brinquedos, documentos e móveis.

e) Cartões-postais, fósseis e lendas.

3. Leia com bastante atenção o texto a seguir

Os idosos

Envelhecer é uma grande vitória. Significa estar vivendo há muito tempo, já ter passado por várias experiências e testemunhado inúmeros acontecimentos. Conviver com os idosos é um privilégio, pois temos a possibilidade de partilhar toda essa memória, esse conhecimento acumulado sobre o mundo.

Para a história, os idosos significam uma oportunidade única para recuperar informações sobre o passado. Mais do que isso, é a chance de preservar testemunhos e experiências de sujeitos que, em sua memória, nunca tiveram a oportunidade de registrar seu modo de vida, sua história.

Ao trabalhar com o relato de pessoas idosas, o historiador estará utilizando uma fonte:

a) Oral

b) Textual

c) Visual

d) Mídia interativa

4. Numere a que tipo de fonte pertence estes documentos.

1-Fontes Escritas () Entrevistas () gravuras

2-Fontes Visuais () Moedas () Desenhos

3- Fontes Materiais () Jornais () músicas

4- Fontes Oraís () Brinquedos () Leis

() Fotos

Capítulo 2

O Tempo na História

Contagem do Tempo

A virada do calendário à zero hora de 01 de janeiro de 2001 foi um evento histórico de repercussão planetária. O mundo todo esteve voltado para a contagem regressiva e comemoração desta transição. Um bom momento para darmos conta do quanto evoluímos ao longo dos séculos e observar que nosso planeta transforma-se em uma imensa aldeia global.

Por todo o tempo a humanidade esteve fragmentada, dividida, separada por línguas, costumes e culturas. Nesta virada de milênio, impregna-se de uma identidade e saber comum nunca antes existente e beneficia-se de recursos jamais sonhados para a comunicação entre indivíduos e povos, como este o qual você utiliza neste exato momento. É difícil de acreditar, mas em 1950 (em pleno século XX) nosso calendário não fazia parte do cotidiano de mais de 1/5 da humanidade. Hoje, patrimônio de todos, transformou a passagem do milênio em comemoração universal.

A Passagem do Milênio

Muitos pensam que a passagem para o século 21 (e para o terceiro milênio) ocorreu no ano 2000, mas numericamente a passagem para o terceiro milênio ocorreu em 2001. Isto porque nosso calendário começa do Ano 1, e não do zero.

A contagem é iniciada pelo 1, porque o conceito de zero não existia quando o sistema foi estabelecido. Ou seja, não há numeral romano que represente “zero”.

O nascimento de Cristo era o marco inicial pretendido pelo Abade Dionísio Exíguo, que em 531 D.C. calculou-o como ocorrido no ano 1 e criou a contagem dos anos a partir do evento, em uso até hoje. Daí então surgiu a divisão dos anos em Antes de Cristo (A.C) e Depois de Cristo (D.C).

Ou mesmo em outras línguas, comumente mencionado como Anno Domini (A.D. no latim) ou Common Era (C.E. em inglês). Até então o calendário partia da ascensão de um Imperador ao trono.

Temos como exemplo, o Anno Diocletiani 198 (198 anos depois da ascensão ao trono do Imperador Diocleciano). Em Mateus, na Bíblia, consta que Cristo nasceu nos tempos de Herodes, que por sua vez faleceu em 4 a. C.

Consequentemente, o nascimento de Cristo não poderia ser posterior a esta data. Johannes Kepler recalculou com precisão, e confirmou 4 a.C. como o ano de nascimento de Cristo. Estaríamos, portanto, quatro anos adiante do ano atual devido ao erro de cálculo realizado pelo Abade Dionísio Exiguus. O Terceiro Milênio (ano 2001) deveria ter começado no que chamamos de ano de 1997.

Períodos da História	
Antiguidade	Começa com a escrita e termina com o fim do Império Romano
Idade Média	Termina com a Queda de Constantinopla – Bizâncio
Modernidade	Termina com a Revolução Francesa
Contemporaneidade	Da Revolução Francesa aos dias atuais



Pré-História

Todo o período que existiu antes da invenção da escrita é denominado Pré-História. Assim, corresponderia a um período da humanidade que abrange milhões de anos.

Nesse momento, o homem aprendeu a viver em comunidade, a utilizar o fogo, a domesticar animais e a produzir alimento, dando a origem à agricultura.

Na Pré-História, o homem criou a linguagem como meio de comunicação e inventou a escrita. Além disso, criou a pintura, a cerâmica e as primeiras organizações sociais e políticas.

A Pré-História está dividida em três períodos

- ✓ **Paleolítico** – também chamado de "Idade da Pedra Lascada", tem início há aproximadamente 4,4 milhões de anos e se estende até 8000 a.C.
- ✓ **Neolítico** – também chamado de "Idade da Pedra Polida", esse período vai de aproximadamente 8000 a. C. a 5000 a. C.
- ✓ **Idade dos Metais** – período que se estende de 5000 a. C. até o surgimento da escrita pelos sumérios, em 4000 a. C.

Tudo o que sabemos sobre a Pré-História devemos aos fósseis e objetos encontrados nas escavações paleontológicas, que ocorreram principalmente a partir do final do século XIX, estendendo-se até os dias atuais, frequentemente apresentando novas descobertas.

Idade Antiga

Idade Antiga ou Antiguidade é o período da história que é contado a partir do desenvolvimento da escrita, pelos sumérios, mais ou menos 4000 anos a. C., até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 da Era Cristã.

Dentre os Fatos Históricos desse período da História se destacam:

- ✓ **Antiguidade Oriental** – que compreende a Civilização Egípcia, a civilização mesopotâmica, as Civilizações Hebraica, Fenícia e Persa.

- ✓ **Grécia Antiga** – das origens ao Período Arcaico.
- ✓ **Roma Antiga e o Império Romano** – até a sua queda, em 476.

Idade Média

A Idade Média é o período da História que tem início em 476 e vai até a tomada de Constantinopla, pelos turcos otomanos, em 1453. Nesse período da História se destacam:

- ✓ Alta Idade Média
- ✓ Feudalismo
- ✓ Baixa Idade Média
- ✓ Cultura Medieval
- ✓ Formação das Monarquias Nacionais

Idade Moderna

A Idade Moderna é o período da História que tem início em 1453 e vai até o ano de 1789, data da Revolução Francesa. Dentro desse período se destacam:

- ✓ Expansão Marítima Europeia
- ✓ Revolução Comercial e o Mercantilismo
- ✓ Colonialismo Europeu na América
- ✓ Périplo Africano
- ✓ Renascimento Cultural
- ✓ Reforma Protestante e Contrarreforma
- ✓ Absolutismo
- ✓ Iluminismo

Idade Contemporânea

A Idade Contemporânea é estudada de 1789, época da Revolução Francesa, até os dias atuais. Dentro desse período, vários acontecimentos políticos, econômicos e sociais, receberam influência da Revolução Francesa, como: Independência do Brasil e Revolução Industrial.

Compreensão

1. “Já se afirmou ser a Pré-História uma continuidade da História Natural, havendo uma analogia entre a evolução orgânica e o progresso da cultura”.

Sobre a Pré-História, qual das alternativas a seguir é incorreta?

- a) Várias ciências auxiliam no estudo, como a Antropologia, a Arqueologia e a Química.
- b) A Pré-História pode ser dividida em Paleolítico e Neolítico, no que se refere ao processo técnico de trabalhar a pedra.
- c) Sobre o Paleolítico, podemos afirmar que foi o período de grande desenvolvimento artístico, cujo exemplo é as pinturas antropomorfas e zoomorfas realizadas nas cavernas.

d) O Neolítico apresentou um desenvolvimento artístico diferente do Paleolítico, através dos traços geométricos do desenho e da pintura.

e) Os primeiros seres semelhantes ao homem foram o Australopithecus e o Homem de Java que eram bem mais adaptados que o Homem de Neandertal.

2. Examine as três proposições, julgando se são verdadeiras ou falsas. Em seguida, assinale a alternativa correta.

I. A Pré-História, época compreendida entre o aparecimento do homem sobre a Terra e o uso da escrita, é dividida tradicionalmente em dois períodos: Paleolítico e Neolítico.

II. A domesticação de animais e o surgimento da agricultura ocorreram apenas após a invenção da escrita, posterior, portanto, ao Neolítico.

III. A duração do Paleolítico é bem mais extensa que a do Neolítico, envolvendo níveis técnicos naturalmente mais primitivos.

a) Todas as proposições são verdadeiras.

b) Apenas as proposições I e II são verdadeiras.

c) Apenas as proposições I e III são verdadeiras.

d) Apenas as proposições II e III são verdadeiras.

e) Todas as proposições são falsas.

3. Sobre a constituição das primeiras estruturas urbanas é correto afirmar.

a) Durante o surgimento das primeiras formações urbanas os homens viviam em cavernas.

b) Nas primeiras formações urbanas apareceram instrumentos rudimentares produzidos pelo homem.

c) O início das primeiras cidades já indicava um processo de sedentarização do homem, proporcionado pela Revolução Agrícola.

d) Quando surgiram as primeiras formações urbanas o homem era essencialmente caçador e coletor.

e) Na formação das primeiras cidades o homem foi ganhando capacidade de agarrar-se em árvores, tornando-se bípedes.

4. A transição do Paleolítico Superior para o Neolítico (entre 10 000 a. C. e 7000 a. C.) foi acompanhada por algumas mudanças básicas para a humanidade. Entre essas, poderíamos citar.

a) o aparecimento da linguagem falada.

b) a domesticação dos animais e plantas, isto é o aparecimento da agricultura e do pastoreio.

c) o aparecimento da magia e da arte.

d) o povoamento de amplas áreas antes não povoadas, como a Europa Central e Ocidental.

e) o aparecimento de vários novos instrumentos, como a agulha de osso, os arpões, os anzóis, a machadinha, a lança e a faca.

Pré-História Brasileira

História Geral

Dentro dos estudos arqueológicos desenvolvidos na América, o Brasil concede uma significativa contribuição proveniente de seus diversos sítios arqueológicos. Entre os estados que apresentam antigos vestígios da presença humana podemos destacar primeiramente os estados do Piauí, Minas Gerais e as regiões litorâneas do Centro-sul do país.

Em São Raimundo Nonato (PI), um grupo de arqueólogos liderados por Niède Guidom notificou a presença de facas, machados e fogueiras com cerca de 50 mil anos de existência. Entre as principais conclusões desses estudos, destaca-se a presença de comunidades coletivas que caçavam e utilizavam o fogo para protegerem-se e alimentarem-se.

Na região de Lagoa Santa (MG) é o local onde está registrado uma das mais notórias descobertas da arqueologia nacional. Foi ali que se achou o mais antigo fóssil das Américas. Trata-se do crânio feminino que existiu há cerca de 11.500 anos. Pesquisas desenvolvidas a partir desse fóssil (apelidado de Luzia) abriram portas para novas teorias sobre o processo de ocupação do continente. Os traços negroides de Luzia levantam a suspeita de uma onda migratória da Oceania, responsável pela ocupação do nosso continente.

Próxima das regiões de rio e no litoral do Brasil existe outro conjunto de vestígios pré-históricos. Nestes lugares, montes de conchas e esqueletos de peixe conferem a existência de comunidades inteiras que sobreviviam da pesca. Também conhecidos como povos sambaquis, essas populações foram usualmente detectadas no Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. No ano de 2001, o mais antigo sambaqui brasileiro foi encontrado em Vale do Ribeira (SP).

Nas regiões do interior do Brasil também são encontrados riquíssimos sítios arqueológicos. Os chamados “cemitérios dos índios” são, na verdade, vestígios de antigas civilizações do território brasileiro. Ali encontramos grandes aldeias que realizavam sofisticados rituais funerários. Datados com cerca de mil anos, esses povos possuíam uma cultura bastante diferente da dos sambaquis.

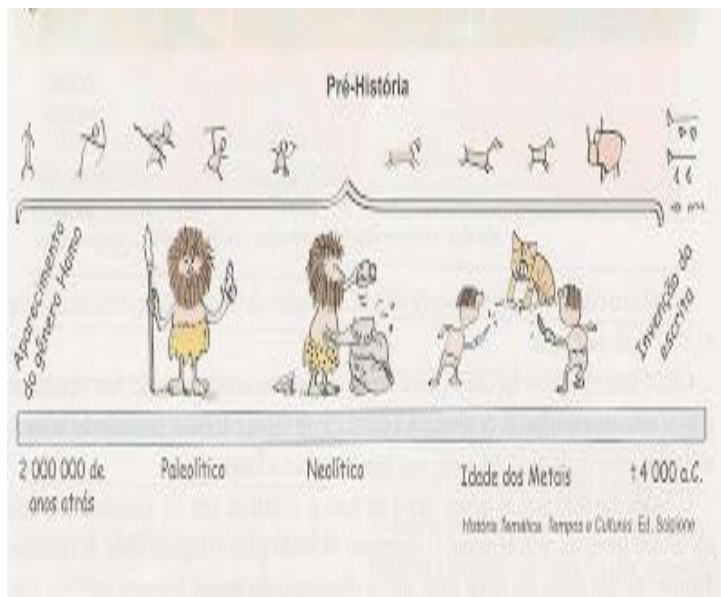
Ainda na Região Amazônica, temos relato sobre outro conjunto de povos pré-históricos. Designados como integrantes da Civilização Marajoara, esses povos deixaram interessantes vestígios materiais. Dotados de uma arte ceramista ricamente detalhada, os marajoaras faz parte dos mais complexos grupos humanos que viveram em terras brasileiras.

Com o passar dos anos, as civilizações ameríndias foram desenvolvendo-se em território nacional. Espalhados em diferentes tribos, os índios brasileiros integraram uma parte mais recente da História das populações nativas do Brasil. A partir do século XV, a chegada dos europeus transformou radicalmente a situação dos índios. A intolerância religiosa e cultural, a violência e as epidemias foram responsáveis pela dizimação dos povos indígenas no país.

Capítulo 3

A Vida Na Pré-História

Pré-História



Os períodos da Pré-História são o Paleolítico, o Mesolítico e o Neolítico. Neste capítulo também veremos a cultura e arte pré-históricas, suas características principais, como o homem conseguia sobreviver, como teve origem a agricultura e a conhecida Arte Rupestre – pintura feita em paredes de cavernas.

Podemos definir a Pré-História como um período anterior ao aparecimento da escrita.

Portanto, esse período é anterior a 4.000 a. C., pois, foi por volta deste ano que os Sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Foi uma fase importante, pois o homem conseguiu vencer as barreiras impostas pela natureza e prosseguir com o desenvolvimento da humanidade na Terra.

Aos poucos, o ser humano foi desenvolvendo soluções práticas para os problemas da vida. Inventando objetos e soluções a partir das necessidades. Ao mesmo tempo, foi desenvolvendo uma cultura muito importante.

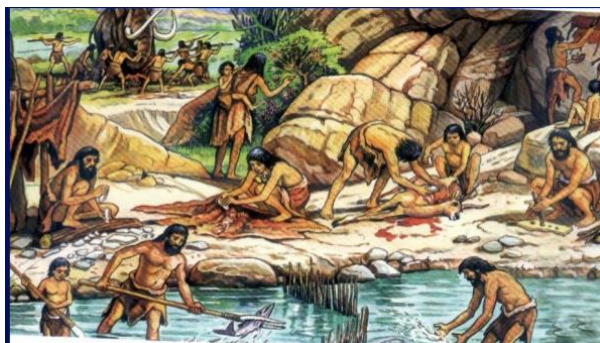
Principais características de cada período da Pré-História:

Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada

Nesta época, o ser humano habitava cavernas, tendo que disputar, muitas vezes, este tipo de habitação com animais selvagens. Quando acabavam os alimentos da região em que habitavam, as famílias tinham que migrar para outra região. Desta forma, o ser humano tinha uma vida nômade (sem habitação fixa).

Vivia da caça de animais de pequeno, médio e grande porte, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Usavam instrumentos e ferramentas feitos a partir de pedaços de ossos e pedras. Os bens de produção eram de uso e propriedade coletiva.

Nesta fase, os seres humanos se comunicavam com uma linguagem rudimentar (pouco desenvolvida), baseada em pouca quantidade de sons, sem a elaboração de palavras. Uma das formas de comunicação eram as pinturas rupestres. Através deste tipo de arte, o homem trocava ideias e demonstrava sentimentos e preocupações cotidianas.



A vida no Paleolítico

Mesolítico

Neste período intermediário, o homem conseguiu dar grandes passos rumo ao desenvolvimento e à sobrevivência, de forma mais segura. O domínio do fogo foi o maior exemplo disto.

Com o fogo, o ser humano pôde espantar os animais, cozinhar a carne e outros alimentos, iluminar sua habitação, além de conseguir calor nos momentos de frio intenso.

Outros dois grandes avanços foram o desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais. Cultivando a terra e criando animais, o homem conseguiu diminuir sua dependência com relação à natureza.

Com esses avanços, foi possível a sedentarização, pois a habitação fixa tornou-se uma necessidade. Neste período ocorreu também a divisão do trabalho por sexo dentro das comunidades. Enquanto o homem ficou responsável pela proteção e sustento das famílias, a mulher ficou encarregada de criar os filhos e cuidar da habitação.

Neolítico ou Idade da Pedra Polida

Nesta época o homem atingiu um importante grau de desenvolvimento e estabilidade. Com a sedentarização, a criação de animais e a agricultura em pleno desenvolvimento, as comunidades puderam trilhar novos caminhos. Um avanço importante foi o desenvolvimento da metalurgia.

Criando objetos de metais, tais como, lanças, ferramentas e machados, os homens puderam caçar melhor e produzir com mais qualidade e rapidez. A produção de excedentes agrícolas e sua armazenagem garantiam o alimento necessário para os momentos de seca ou inundações.

Com mais alimentos, as comunidades foram crescendo e logo surgiu a necessidade de trocas com outras comunidades. Foi nesta época que ocorreu um intenso intercâmbio entre vilas e pequenas cidades. A divisão de trabalho, dentro destas comunidades, aumentou ainda mais, dando origem ao trabalhador especializado.

Pintura Rupestre da Pré-História

Arte Rupestre



Mais um exemplo de Pintura Rupestre da Pré-História: a caça (alimento) era um dos temas mais retratados neste tipo de arte.

Compreensão

1. O que foi o Paleolítico?

2. O que foi o Neolítico?

3. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira.

1. Aqueles que não têm habitações fixas.

2. Locais usados como abrigo no Paleolítico.

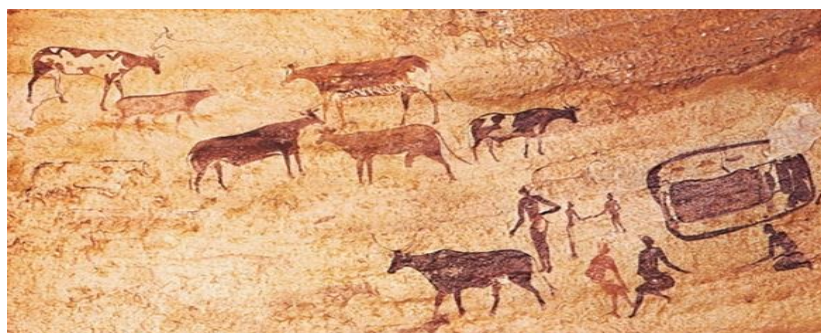
3. Representantes das cenas cotidianas nas paredes das cavernas.

() Cavernas.

() Pinturas Rupestres.

() Nômades.

4. Observe a imagem e descreva as atividades dos seres humanos da Pré-História do Brasil.



5. Complete as frases com as palavras da legenda.

Paleolítico – Neolítico

a) Durante um longo período, chamado de _____, a maioria dos grupos humanos manteve a forma de vida nômade.

b) Durante o _____, os grupos humanos começaram a fabricar instrumentos mais sofisticados com pedras polidas.

c) O _____ também é conhecido como Idade da Pedra Lascada por causa das ferramentas feitas de pedra.

d) No _____, os grupos humanos começaram a domesticar animais e a praticar a agricultura.

6. O que foi o processo de Sedentarização?

7. O que levava os seres humanos serem Nômades?

Ocupação do Território

O atual território brasileiro foi povoado por homens entre 40 mil e 50 mil anos atrás. Os primeiros seres humanos que chegaram ao continente americano vieram da Ásia. Chegaram à América, provavelmente, após passarem pelo Estreito de Bering.

Foram se espalhando pelo continente até chegarem ao sul e começarem a povoar o território brasileiro. São os homens pré-históricos brasileiros os ancestrais dos índios que habitam até hoje nosso país. Vestígios deixados pelos homens pré-históricos brasileiros

Existem atualmente vários sítios arqueológicos pré-históricos sendo estudados no Brasil. Os mais importantes ficam no interior do Piauí, na região de São Raimundo Nonato. Pesquisas coordenadas pela arqueóloga Niède Guidon, resultaram na descoberta de ossos de animais pré-históricos, artefatos de cerâmica, fragmentos de fogueira, machados de pedra e, principalmente, milhares de pinturas rupestres.

Os sambaquis, também conhecidos como concheiros, são excelentes fontes para o estudo da vida pré-histórica brasileira no litoral brasileiro. Os sambaquis foram formados durante milhares de anos, através do acúmulo de conchas e resíduos descartados pelos homens. Entre uma camada e outra de conchas, encontram-se artefatos, ossos e diversos tipos de objetos pré-históricos de diferentes grupos humanos que habitaram uma mesma região.

Outro importante sítio arqueológico brasileiro fica na Caverna da Pedra Pintada, localizada no município de Monte Alegre (margem do rio Amazonas). Pesquisas realizadas na década de 1990 revelaram a vida de grupos humanos pré-históricos que habitaram a região por volta de 11 mil anos atrás. No local foram encontrados vestígios de fogueiras, pedaços de objetos de cerâmica, pinturas rupestres e pontas de lanças de pedras.

Regiões Habitadas

Os homens da Pré-história espalharam-se por diversas áreas do território brasileiro. As descobertas arqueológicas apontam para grupos humanos que viveram em regiões da Amazônia, Piauí, litoral (principalmente dos estados de SP, SC, RJ e ES), região de Lagoa Santa (interior de Minas Gerais).

A vida do homem Pré-Histórico no Brasil

Com base nas descobertas arqueológicas e estudos realizados, podemos ter uma ideia sobre como era a vida destes homens na Pré-História:

- ✓ Viviam da caça, pesca e coleta de frutos. Para caçar usavam machados e lanças de madeira com pontas de pedra afiadas. Os que habitavam a região litorânea também comiam grandes quantidades de frutos do mar.
- ✓ Usavam o fogo para cozinhar os alimentos e para se protegerem dos animais ferozes.
- ✓ Grande parte dos homens da pré-história das regiões interiores habitavam cavernas. Já os homens que viviam no litoral brasileiro fabricavam cabanas de madeira e palha para morar.
- ✓ Faziam recipientes de cerâmica para armazenar, principalmente, grãos e água.

- ✓ Faziam pinturas rupestres (em paredes de cavernas). Os desenhos representavam, principalmente, caça de animais, rituais e danças, contagem de objetos e outras atividades cotidianas. Usavam sangue de animais, carvão e minerais misturados em água para desenharem. A arte rupestre é uma das principais fontes de pesquisa da Pré-história no Brasil.
- ✓ Viviam em grupos (grandes famílias) com divisão de tarefas entre homens e mulheres. Os homens se dedicavam à caça, pesca e proteção do grupo. As mulheres cuidavam das crianças e preparavam o alimento.
- ✓ Algumas comunidades enterravam os mortos próximos aos locais onde moravam. Praticavam também rituais ligados funerários (ligados à morte).
- ✓ Em função das dificuldades da vida, doenças, ataques de animais e péssimas condições de higiene, as pessoas viviam poucas. A expectativa de vida ficava entre 25 e 30 anos.
- ✓ Tinham preferência por regiões próximas a rios e lagos devido a facilidade para obter água para beber, tomar banho e pescar.

Capítulo 4

A agricultura e a ocupação do espaço

Durante milhares de anos, os grupos humanos tiveram de se deslocar em busca de alimentos. Isso começou a mudar quando alguns grupos humanos aprenderam a plantar seu alimento e teve início a prática da agricultura.

Por meio de observação do ambiente, descobriam que as sementes que caíam no chão, após algum tempo, cresciam novamente e geravam novos alimentos. Eles perceberam que os locais próximos aos rios eram ricos em frutos e diversos vegetais. Além disso, vários animais procuravam os rios para beber água, facilitando o processo de caça.

Para dar conta de alimentar o grupo, foram criados instrumentos como machados, facas, e foices de pedra polida. Além disso, era preciso armazenar as sementes e a produção agrícola. Os seres humanos passaram, então, a aprimorar as técnicas de cozimento do barro, dando origem a um tipo de cerâmica mais resistente, capaz de armazenar sólidos e líquidos. Eles também produziam instrumentos para abrir pequenas valas no chão, onde colocavam as sementes. Esse domínio tecnológico levou a domesticação das plantas e alguns tipos de alimentos passaram a ser cultivados.

A adoção dessas técnicas agrícolas revolucionou o período. As técnicas de cultivo aumentaram a produção de alimentos e, como o excedente alimentar, os seres humanos não precisavam mais deixar a terra onde habitavam. Eles começaram a se fixar e foram ocupando diversas regiões do planeta.

Muitas dessas técnicas milenares são utilizadas até hoje pelos agricultores. Mesmo com inovações tecnológicas, a antiga técnica de arar a terra continua presente e é exatamente importante para o cultivo de nossos alimentos.

Compreensão

1. Escreva V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas, justifique as afirmativas que considerar falsas.

() O desenvolvimento da agricultura acelerou o processo de sedentarização dos grupos humanos.

() Apesar da prática da agricultura, muitos grupos continuaram a se deslocar pelos territórios, vivendo da caça, da pesca e da coleta.

() Como não havia técnicas para cultivar a terra, os grupos humanos deixaram de plantar, abandonando as terras férteis.

() O desenvolvimento da agricultura fez com que os grupos humanos aprimorassem as ferramentas de trabalho.

2. Preencha os espaços com as palavras abaixo.

técnicas – sementes – pedra polida – domesticar

Há 12 mil anos, a prática da agricultura transformou o modo de vida de parte da humanidade. Os grupos humanos passaram a _____ plantas e animais. Eles criaram _____ para o cultivo de vegetais, como abrir pequenas valas na terra com ferramentas feitas de madeira e _____, e aprenderam a armazenar _____, que eram espalhadas no solo depois de arar a terra.

3. Explique como a agricultura modificou a vida dos seres humanos.

Mudanças no modo de vida dos Seres Humanos

Conhecido como o mais extenso período da história humana, o Período Paleolítico abrange uma datação bastante variada que vai de 2,7 milhões de anos até 10.000 a. C. Desprovido de técnicas muito sofisticadas, os grupos humanos dessa época desenvolviam hábitos e técnicas que facilitavam sua sobrevivência em meio às hostilidades impostas pela natureza. Nesse período, as baixas temperaturas da Terra obrigavam o homem do Paleolítico a viver sob a proteção das cavernas. Uma das mais importantes descobertas dessa época foi o fogo. Com esse poderoso instrumento, os homens pré-históricos alcançaram melhores condições de sobrevivência mediante as severas condições climáticas. Além disso, o domínio do fogo modificou os hábitos alimentares humanos, com a introdução da caça e vegetais cozidos.

Sem contar com técnicas de produção agrícola, o homem vivia deslocando-se por diversos territórios. Praticantes do nomadismo, os grupos paleolíticos utilizavam dos recursos naturais à sua volta. Depois de consumi-los, migravam para regiões que apresentavam maior disponibilidade de frutas, caça e pesca. Para fabricar suas armas e utensílios, os homens faziam uso de osso, madeira, marfim e pedra. Em razão dessas características da cultura material do período, também costumamos chamar o Paleolítico de Período da Pedra Lascada.

Por volta de 40 mil anos, os povos do paleolítico começaram a viver em grupos mais populosos. Ao mesmo tempo, começaram a criar novas moradias feitas a partir de gravetos e peles de animais. Uma das grandes fontes de compreensão desse período é encontrada nas paredes das cavernas, onde se situam as chamadas pinturas rupestres. Nelas temos informações sobre o homem pré-histórico referente à suas ações cotidianas.

No fim do Paleolítico, uma série de glaciações transformou as condições climáticas do mundo. As temperaturas tornaram-se mais amenas e, a partir de então, foi possível o processo de fixação dos grupos humanos. Com isso, uma série de mudanças marcou a passagem do período Paleolítico para o Neolítico.

Compreensão

1. Por que as técnicas agrícolas provocaram grandes transformações no modo de vida dos seres humanos?

2. Por que a agricultura tornou-se tão importante para a vida dos seres humanos?

3. Explique a relação entre nomadismo e agricultura.

A Organização Social dos Grupos Humanos

No começo da humanidade caçar e coletar alimentos eram, em grande medida, as tarefas de subsistência. Em algum momento, entretanto, isso mudou, e segundo Bocquet-Appel e Bar-Yosef, há uma revolução que marca o chamado período Neolítico (ou Idade da Pedra Polida): os caçadores e coletores abandonam essas tarefas e começam a cultivar plantas e animais.

Esta mudança na forma de obtenção de alimentos foi essencial para o aumento da complexidade social e aumento populacional marcantes da espécie humana. Duas grandes mudanças ocorreram com a prática do cultivo de alimentos, a saber, a mudança do estilo de vida dos coletores e caçadores, antes nômades, para sedentários ou semissedentários, e o impacto que essa nova forma de vida teve na fertilidade tanto masculina quanto feminina.

A maior certeza na aquisição de alimento modifica grandemente decisões de organização social, como número máximo dos grupos sociais e reprodução, complexidade linguística dos grupos, dentre outros. Essa expansão chegou, em alguns casos, a níveis continentais. Colin Renfrew e Peter Bellwood criaram, para descrever esse acontecimento, o termo “Hipótese da dispersão de cultivo/linguagem”.

Torna-se interessante ressaltar, entretanto, que o cultivo de plantas e animais não excluiu a caça e coleta de recursos. A arqueologia mais recente, segundo Julian Thomas, já rejeitou a ideia de uma ruptura tecnológica, e hoje vê como um cenário mais correto a coexistência destas práticas. Outra ideia errônea que o autor procura esclarecer é que nem todas as culturas que viveram durante o período neolítico produziam sua própria comida, e isso não as impediu de desenvolver complexidade social, dado que conhecemos exemplos de culturas que, sem desenvolvimento prévio de qualquer forma de agricultura, produziram monumentos de grande complexidade.

A transição da vida nômade para a sedentária demorou milhares de anos para ocorrer. Por longos períodos, grupos nômades conviveram com grupos sedentários. A introdução da agricultura não ocorreu ao mesmo tempo em todos os lugares nem os produtos cultivados eram os mesmos.

A fixação dos grupos humanos e a convivência constante trouxeram a necessidade de criar formas de organização social. Nessa transição, foram formados os primeiros grupos familiares, essas sociedades passaram a se organizar em torno de um líder, geralmente o homem mais velho do grupo.

Compreensão

1. As transformações na História podem ser de curta ou longa duração. A transição do nomadismo para o sedentarismo pode ser considerada uma mudança de longa duração? Justifique.

2. Quem era responsável pelos primeiros grupos humanos?

3. Como o sedentarismo ajudou aos seres humanos deixarem de mudar-se constantemente?

4. Qual a diferença entre nômades e sedentários?

5. Enquanto os seres humanos não haviam aprendido a cultivar e a criar animais, o que faziam para se alimentar?

6. Porque, naquela época, os seres humanos eram nômades?

7. Havia divisão no trabalho do grupo? Como era essa divisão?

8. Que grande conquista dos grupos humanos foi, certamente, resultado de incêndios florestais?

9. Para que servia a grande conquista da questão 8?

10. A observação da natureza tornou possível uma descoberta muito importante. Que descoberta foi essa?

11. Por que os humanos primitivos precisaram fixar moradia?

12. Atualmente ainda existem povos nômades? Cite um exemplo.

13. Enquanto os seres humanos eram nômades, de que eram feitos os instrumentos que utilizavam?

14. Como é possível, hoje, saber de que modo os bandos nômades viveram?

15. Dê exemplos dos documentos e vestígios que são utilizados pelos pesquisadores para estudar esse passado tão antigo.

16. Por que os grupos nômades também podem ser chamados de "caçadores-coletores"?

Capítulo 5

O início do Comércio – As primeiras trocas comerciais



Há 20 mil anos, as sociedades coletoras da Antiguidade tinham acumulado uma ampla bagagem material. Os homens pré-históricos já distinguiam os tipos de animais e plantas a serem consumidos pelas comunidades. Novos instrumentos passaram a ser construídos e o trabalho de transformação das pedras ganhou maior sofisticação. As primeiras manifestações religiosas começaram a se desenvolver juntamente com a criação das primeiras divindades.

No desenrolar de milênios as comunidades neolíticas sofreram uma importante mudança. Há cerca de 12 mil anos, a agricultura surgiu e foi sendo disseminada por toda Europa nos 6 mil anos próximos. O domínio de técnicas agrícolas estabeleceu um novo padrão de vida calcado na disponibilidade regular de alimentos. Os grupos nômades passaram a se fixar em regiões com terras férteis disponíveis e construíram as primeiras moradias a partir do barro, pedra e madeira. Ao mesmo tempo, a domesticação de animais começou a ser praticada.

Segundo algumas especulações científicas, as primeiras comunidades a viverem da agricultura e do pastoreio surgiram na região do Crescente Fértil. Fixada nas extensões de terra entre o Rio Nilo e os rios Tigre e Eufrates, essa região foi o possível local de origem dessas mudanças que designaram a chamada Revolução Neolítica. No Crescente Fértil, pequenas famílias formavam clãs que, com seu incremento populacional, formaram as primeiras tribos da região. Sem contarem com um líder político, as decisões eram tomadas coletivamente.

Posteriormente, essas primeiras tribos passaram a ser comandadas por um patriarca. Liderando a população tribal, o patriarca garantia a organização das colheitas e garantia a proteção da aldeia contra o possível ataque de outros povos. As colheitas eram preparadas com a força de trabalho de todos os indivíduos. A divisão social do trabalho era inexistente. A economia possuía um caráter eminentemente subsistente, impossibilitando o acúmulo de excedentes.

As técnicas agrícolas desenvolvidas foram se tornando mais complexas. O domínio sobre os períodos de chuva e estiagem, as técnicas de irrigação e o invento do arado-semeador aumentaram significativamente a produção agrícola.



Com isso, as populações aumentaram e as primeiras trocas comerciais começaram a surgir a partir dos excedentes gerados pelas melhores colheitas, surgindo assim, as primeiras diferenças socioeconômicas no interior dessas sociedades.

Compreensão

1. Explique o que é agricultura e subsistência.

2. Como eram feitas as primeiras trocas comerciais?

3. Leia as afirmações e escreva V para verdade e F para falso.

- a) () As trocas de produtos começaram apenas há 200 anos.
- b) () O desenvolvimento das técnicas agrícolas favoreceu a troca de produtos entre grupos e familiares.
- c) () A economia de subsistência tem por objetivo a venda de grande quantidade de produtos.
- d) () As trocas de produtos aumentaram a diversidade da alimentação das famílias.

O Surgimento da Moeda

Com a descoberta do metal, o homem passou a usar esta matéria prima para fabricar os utensílios mais diversos entre os quais um instrumento aceitável como unidade representativa de valor possibilitando dessa forma as trocas comerciais em comunidade, a Moeda.

Etimologicamente o termo vem do latim "moneta", que provem do Templo Juno Moneta, local em Roma onde se cunhavam as moedas. Antes de esta surgir os instrumentos de troca eram muito diversificados e por vezes geravam conflitos, pois, tornava-se algo impreciso medir o valor dos bens sem um meio de troca unânime nas comunidades. Um dos meios de troca que surge em maior relevo e usual em todo o mundo antigo foram os animais. Também o sal era comum em muitos países e é dele que descende o termo "salário". Outros exemplos são: o arroz para a Índia, China e Japão, o Cacau para o México, as Pérolas para África e as Peles para a Sibéria e América.



Regiões	Mercadoria-Moeda
Antiguidade (até 410)	
Egito	cobre
Babilônia, Assíria	cobre, prata, cevada
Pérsia	gado
Bretanha	barras de ferro, escravos
Índia	animais domésticos, arroz, metais
China	conchas, seda, sal, cereais
Idade Média (410 a 1453)	
Ilhas Britânicas	moedas de ouro, gado, ouro, prata
Alemanha	gado, cereais, mel
Islândia	gado, tecidos, bacalhau
Noruega	gado, escravos, tecidos
Rússia	gado, prata
China	arroz, sal, chá, estanho, prata
Japão	anéis de cobre, pérola, arroz
Idade Moderna (1453 a 1789)	
Estados Unidos	fumo, cereais, madeira, gado
Austrália	rum, trigo, carne
França	metais preciosos, cereais
Japão	arroz

No quinto milénio a. C. os Sumérios tiveram um papel crucial na história da moeda ao introduzirem um cálculo baseado em valores de referência constantes.

A descoberta da moeda representa então um avanço notável na História da Humanidade, pois como padrão de valor potencia o entesouramento, a divisibilidade e a facilidade de transporte.

Surgem então no Séc. VII a. C. as primeiras moedas parecidas com o formato que hoje temos, isto é, pequenas peças de metal com peso e valor definidos, e com impressão de cunho oficial.

Na Grécia são colocadas a circular as primeiras moedas com figuras de animais e plantas que representavam a belíssima Ilha de Egina. Na Lídia, antiga região Ásia Menor surge pequenos lingotes ovais de uma liga de Ouro e Prata chamada Eletro, e as suas ilustrações são alusivas a Efígies.

É atribuída aos Lídios a invenção da moeda. As moedas refletem a mentalidade de um povo e sua época e nelas se observam conteúdos políticos, tecnológicos e culturais.

Os primeiros metais a serem usados na cunhagem das moedas foram o Ouro e a Prata, por serem materiais imunes á corrosão, de extrema beleza, raridade e também devido a fatores religiosos.

Este tipo de cunhagem manteve-se por muitos séculos sendo as moedas uma garantia devido ao seu valor intrínseco. Foi prática assente a cunhagem em ouro nas moedas de maior valor e a cunhagem em prata e em cobre em moedas de valor inferior.

Este sistema manteve-se ate ao final do século passado e foi alterado com o Cuproníquel (liga metálica constituída por cobre e níquel) que acabaria por oferecer também uma boa resistência á corrosão e a fadiga.

Com este passo a moeda passa a circular pelo seu valor extrínseco, ou seja, pelo valor gravado na sua face, independente do valor do metal usado. As moedas variaram muito o seu aspecto físico ao longo dos séculos.

Ora apresentaram-se em tamanhos reduzidos que é o exemplo do starter, que circulou na Fenícia, ora apresentaram-se com dimensões maiores como é o caso o Dáler, peça de cobre oriunda da Suécia no Séc. XVII.

Embora se tenha globalmente adoptado a forma oval, as moedas já se apresentaram quadradas, poligonais, etc. Quanto a sua cunhagem ela apresentou também diferentes materiais não metálicos, como a madeira e a porcelana.

É da Magna Grécia que são oriundas as mais belas moedas, as Decadracmas e as Tetadracmas.



O conceito de Banco Internacional surge pela Primeira vez em Delfos no Templo de Apolo, ao mesmo tempo em que passou a ser implementado o Sistema de Empréstimos a Juros.

Tudo isto impulsionado pela Confederação de Delos (aliança militar) criada com o objetivo de proteger a Grécia de um ataque Persa, as grandes cidades forneciam tropas e os menores pagavam uma contribuição (imposto). No Séc. IV a. C. enquanto as cidades da Magna Grécia já tinham um sistema de cunhagem amplamente estruturado, em Roma os animais eram o principal meio de troca.

A partir do Séc. VII a. C. Roma adoptou o Bronze como bem para intermediar as trocas, não dispunham de Prata e era desconhecida a existência do Ouro na Época. Eram peças disformes de metal bruto fundido (aes rude), avaliado com base no seu peso e sem estilo estético.



Apresentavam apenas uma vantagem em relação aos animais, pois eram mais práticas. Roma teve a sua primeira moeda oficial por volta de 335 a.C. o (aes Grave ou aes Librale), de forma redonda com indicação de valor e cunhagem oficial. Em 268 a.C., Roma passa a emitir moedas em prata sendo esta a fase conhecida como Denário Romano.



A moedagem Imperial inicia-se com César em 44/45 a.C., pois esta começa a ser cunhada com o retrato do Imperador, a semelhança da Grécia. Com a Fundação de Constantinopla, nova Capital do Império Romano, a moedagem Bizantina derivante da moedagem Romana, apresenta-se com uma iconografia menos expressiva, mas no seu todo mais interessante.

É comum nesta fase a moeda de ouro que é o exemplo do Solido, o Semisse ($\frac{1}{2}$ de Solido) e o Tremisse ($\frac{1}{3}$ de Solido). A sua forma apresenta-se maioritariamente redonda e com grandes dimensões, podendo atingir o diâmetro de uma tigela.

Compreensão

1. Como os grupos estabeleceram os valores para os produtos que trocavam entre si?

2. Com o uso da moeda, o que mudou nas trocas comerciais?

3. Faça uma pesquisa sobre as moedas existentes em três países.

País: _____

Nome da moeda: _____

País: _____

Nome da moeda: _____

País: _____

Nome da moeda: _____

Leitura Informativa

Por que inventaram o dinheiro?

O dinheiro foi criado para facilitar as trocas comerciais quando estas ficaram mais complexas. A princípio, as permutas eram baseadas na quantidade de tempo de trabalho gasto para produzir a mercadoria. Por exemplo, um pescador dava sua pesca do dia em troca da colheita obtida em um dia por um agricultor.

"Depois, com o aumento no número de produtores e a necessidade de diversificação dos produtos, foi preciso estabelecer uma mercadoria que fosse divisível, para facilitar o troco, e a quais todos tivessem acesso", diz o professor Renato Leite Marcondes, do Departamento de Economia USP de Ribeirão Preto.

Sabe-se que na China, mais de mil anos antes de Cristo, já se usavam conchas como moeda de troca. A partir daí, os materiais utilizados foram os mais diversos por todo o mundo, dos quais o exemplo mais conhecido é o sal - de onde se originou o termo "salário".

No primeiro século antes de Cristo, já se tem notícias de moedas feitas em metal, como o ouro, a prata e o cobre. "Foi natural a substituição de outros materiais pelos metais, porque eles têm maior durabilidade", afirma o professor Renato. O valor

dependia da abundância ou da escassez de certo metal em cada região. Quando o ouro era mais abundante, a prata era mais valorizada e vice e versa.

Na Idade Média, os reis e governantes começaram a cunhar seus rostos nas moedas. "Passa a haver uma distinção entre o valor do metal em si e o valor da face da moeda", diz o economista. Nessa época, cada pessoa que fosse dona de certa quantidade de metal levava esse material até uma repartição para que fosse transformado em moeda com o rosto do rei.

O ouro, metal mais precioso, acabou virando referência de valor, criando-se, portanto, o padrão ouro. No século 19, ainda valia o ouro, mas as notas em papel já se tornavam mais populares. Dessa época até a Primeira Guerra Mundial, os bancos eram obrigados a, se solicitados, trocarem o dinheiro de seus clientes pelo equivalente em ouro. Portanto, o governo de um país só poderia liberar certa quantidade de papel moeda equivalente ao ouro que tinha em reservas.

Na década de 1970, os Estados Unidos aboliram a referência ao padrão-ouro, o chamado "lastro", e o papel moeda passou a valer por si só. Depois, foi copiado pelos outros países, que passaram a usar o dólar como referência para o valor de suas moedas. "Hoje, sem esse lastro, a taxa de câmbio (troca) de uma moeda, é flutuante, varia muito, e o dinheiro passou a ser virtual, pois não tem uma referência material", explica o professor. A quantidade de dinheiro circulante atualmente, portanto, é determinada pelo governo, sem ter ouro ou outro metal equivalente em reserva.

Capítulo 6

Comércio e a Ocupação do Espaço

O comércio marca a história da humanidade. A princípio, as relações de comércio ocorriam entre grupos que viviam próximos. Os Fenícios localizavam-se na porção norte da Palestina, onde hoje se encontra o Líbano. Os povos originários dessa civilização são os semitas que, saindo do litoral norte do Mar Vermelho, fixaram-se na Palestina realizando o cultivo de cereais, videiras e oliveiras.

Além da agricultura, a pesca e o artesanato também eram outras atividades por eles desenvolvidas.



A proximidade com o mar e o início das trocas agrícolas com os egípcios deu condições para que o comércio marítimo destacasse-se como um dos mais fortes setores da economia fenícia.

Ao longo da faixa litorânea por eles ocupada surgiram diversas cidades-Estado, como Arad, Biblos, Tiro, Sídón e Ugarit. Em cada uma dessas cidades um governo autônomo era responsável pelas questões políticas e administrativas.

O poder político exercido no interior das cidades fenícias costumava ser assumido por representantes de sua elite marítimo-comercial. Tal prática definia o regime político da fenícia como uma Talassocracia, ou seja, um governo comandado por homens ligados ao mar.

Em meados de 1500 a. C. a atividade comercial fenícia intensificou-se consideravelmente fazendo com que surgisse o interesse pela dominação de outros povos comerciantes. No ano de 1400 a. C. os fenícios dominaram as rotas comerciais, anteriormente controladas pelos cretenses, que ligavam a região da Palestina ao litoral sul do Mediterrâneo. Na trajetória da civilização fenícia, diferentes cidades imprimiam sua hegemonia comercial na região.

Por volta de 100 a. C. – após o auge dos centros urbanos de Ugarit, Sídón e Biblos – a cidade de Tiro expandiu sua rede comercial sob as ilhas da Costa Palestina chegando até mesmo a contar com o apoio dos hebreus.

Com a posterior expansão e a concorrência dos gregos, os comerciantes de Tiro buscaram o comércio com regiões do Norte da África e da Península Ibérica.

Todo esse desenvolvimento mercantil observado entre os fenícios influenciou o domínio e a criação de técnicas e saberes vinculados ao intenso trânsito dos fenícios. A astronomia foi um campo desenvolvido em função das técnicas de navegação necessárias à prática comercial. Além disso, o alfabeto fonético deu origem às línguas clássicas que assentaram as bases do alfabeto ocidental contemporâneo.

No campo religioso, os fenícios incorporaram o predominante politeísmo das sociedades antigas. Baal era o deus associado ao sol e às chuvas. Aliyan, seu filho, era a divindade das fontes. Astarteia era uma deusa vinculada à riqueza e à fecundidade. Durante seus rituais, feitos ao ar livre, os fenícios costumavam oferecer o sacrifício de animais e homens.

Compreensão

1. De que maneira o comércio influenciou a ocupação do espaço e as trocas culturais entre os povos?

2. De acordo com o mapa da página anterior, qual a importância do Mar Mediterrâneo para alguns povos antigos.

Rotas Comerciais ao Longo do Tempo

A Rota da Seda

A rota comercial mais importante da China foi a Rota da Seda – expressão criada no século XIX pelo pesquisador alemão Ferdinand Von Richthofen. Durante mais de mil anos, esse caminho terrestre – já conhecido dos persas pelo menos desde o século VIII a. C. – foi provavelmente a única ligação significativa entre o Ocidente e o Oriente, unindo a China aos portos do Mediterrâneo.

O principal itinerário da rota tinha 12 mil quilômetros, partindo da China e chegando aos portos de Antioquia, na Síria, e os de Bursa e Constantinopla (a atual Istambul), na Turquia. A rota prosseguia então, por via marítima, desses portos até Veneza. Ao longo do tempo, essa rota foi sofrendo alterações, de acordo com a situação política dos diversos Estados cortada por ela.

Apenas quando Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, em 1498, a rota perdeu importância. Era frequentada por mercadores persas, árabes, chineses e europeus, que percorriam seus milhares de quilômetros no lombo de camelos e outros animais, transportando mercadorias ao longo de montanhas, desertos e estepes em jornadas que chegavam a durar vários anos. Também soldados, artistas, sacerdotes e peregrinos cruzavam aqueles caminhos da Ásia Central.

Pela rota circulavam os mais diversos produtos, como especiarias, linho, joias, madeira, chás, porcelana e objetos de vidro – também considerados artigo de luxo até o século V, quando os chineses dominaram a técnica de sua fabricação. A seda, no

entanto, era considerada o produto mais importante dessa rede comercial, uma das mercadorias mais cobiçadas na Europa e no mundo árabe. E, por um bom tempo, apenas os chineses conheciam o segredo de sua fabricação, a partir do casulo de certas lagartas. Foram também pela rota que se difundiram grandes inventos dos chineses, como o papel, a pólvora e os fogos de artifício.

Capítulo 7

A Expansão do Comércio das Rotas

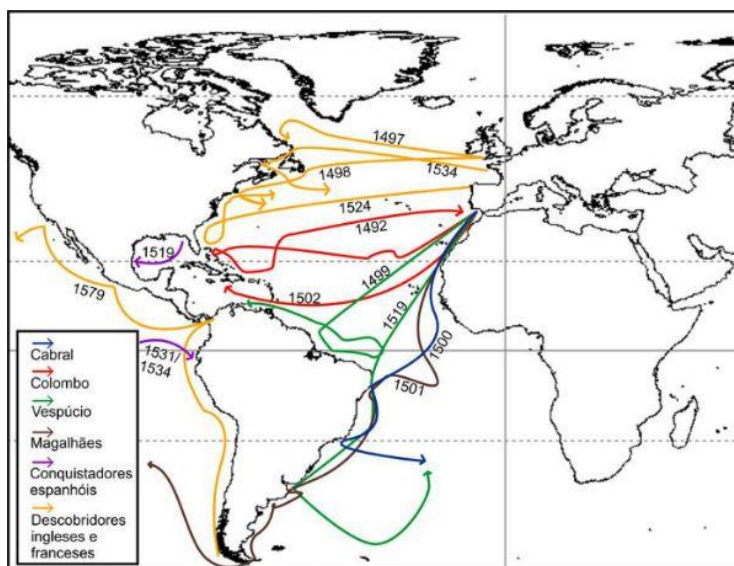
A **Expansão Marítima Europeia** foi o período compreendido entre os séculos XV e XVIII quando alguns povos europeus partiram para explorar o oceano que os rodeava. Estas viagens deram início ao processo da Revolução Comercial, ao encontro de culturas diferentes e da exploração do novo mundo, possibilitando a interligação dos continentes.

As primeiras grandes navegações permitiram a superação das barreiras comerciais da Idade Média, o desenvolvimento da economia mercantil e o fortalecimento da burguesia.

A necessidade de o europeu lançar-se ao mar resultou de uma série de fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos.

A Europa saía da crise do século XIV e as monarquias nacionais eram levadas a novos desafios que resultariam na expansão para outros territórios.

Veja no mapa abaixo as rotas empreendidas em direção ao Ocidente pelos navegadores e o ano das viagens:



Rota das Viagens

A Europa atravessava um momento de crise, pois comprava mais que vendia. No continente europeu, a oferta era de madeira, pedras, cobre, ferro, estanho, chumbo, lã, linho, frutas, trigo, peixe, carne.

Os países do Oriente, por sua vez, dispunham de açúcar, ouro, cânfora, sândalo, porcelanas, pedras preciosas, cravo, canela, pimenta, noz-moscada, gengibre, unguentos, óleos aromáticos, drogas medicinais e perfumes.

Cabia aos árabes o transporte dos produtos até a Europa em caravanas realizadas por rotas terrestres. O destino eram as cidades italianas de Gênova e Veneza que serviam como intermediárias para a venda das mercadorias ao restante do continente. Outra rota disponível era pelo Mar Mediterrâneo monopolizado por Veneza. Por isso, era necessário encontrar um caminho alternativo, mais rápido, seguro e, principalmente, econômico.

Paralela à necessidade de uma nova passagem, era preciso solucionar a crise dos metais na Europa, onde as minas já davam sinais de esgotamento.

Uma reorganização social e política também impulsionavam à busca de mais rotas. Eram as alianças entre reis e burguesia que formaram as monarquias nacionais.

O capital burguês financiava a infraestrutura cara e necessária para o feito ao mar. Afinal, era preciso navios, armas, navegadores e mantimentos.

Os burgueses pagavam e recebiam em troca a participação nos lucros das viagens. Este foi um modo de fortalecer os Estados nacionais e submeter à sociedade a um governo centralizado.

No campo da tecnologia foi necessário o aperfeiçoamento da cartografia, da astronomia e da engenharia náutica.

Os portugueses tomaram a dianteira deste processo através da chamada da Escola de Sagres. Ainda que não fosse uma instituição do modo que conhecemos hoje, serviu para reunir navegadores e estudiosos só patrocínio do Infante Dom Henrique (1394-1460).

Portugal

A Expansão Marítima Portuguesa começou através das conquistas na costa da África e se expandiram para os arquipélagos próximos. Experientes pescadores, eles utilizaram pequenos barcos, o painel, para explorar o entorno.

Mais tarde, desenvolveriam e construiriam as caravelas e naus a fim de poderem ir mais longe com mais segurança. A precisão náutica foi favorecida pela bússola e o astrolábio, vindos da China.

A bússola já era utilizada pelos muçulmanos no século XII e tem como finalidade apontar para o norte (ou para o sul). Por sua vez, o astrolábio é utilizado para calcular as distâncias tomando como medida a posição dos corpos celestes.

Capítulo 8

As Grandes Navegações



Grandes Navegações dos séculos XV e XVI que têm origem na necessidade de expansão econômica da Europa.

A insuficiência da produção agrícola para alimentar toda a população, o declínio econômico da nobreza, o encarecimento dos produtos orientais e a falta de metais preciosos para a emissão de moeda impulsionam a procura por novos mercados fora dos domínios europeus. A tentativa de encontrar rotas alternativas para o Oriente torna-se indispensável.

A empreitada é possível graças ao surgimento de uma burguesia mercantil, interessada em ampliar sua margem de lucro, e ao fortalecimento do Estado, com a centralização do poder monárquico.

Um forte ideal missionário, principalmente dos países ibéricos, para catequizar os povos infiéis das terras distantes funciona como justificativa ideológica para a expansão. As nações ibéricas formam impérios ultramarinos entre os séculos XV e XVI, quando tem início a colonização da África, da Ásia e da América. Além de Portugal e Espanha, Inglaterra, França e Holanda (Países Baixos) também realizam grandes expedições.

✓ Portugal

Para alcançar os mercados do Oriente e garantir o monopólio do comércio com as chamadas Índias, os portugueses assumem a vanguarda do expansionismo europeu, seguidos pelos espanhóis.

Revolucionam a arte da navegação ao aperfeiçoar instrumentos náuticos de origem árabe, como a bússola, modernizar a cartografia e inventar a caravela. São pioneiros em calcular com precisão a circunferência da Terra e no comércio de escravos negros para a América.



Expedições Portuguesas

A Primeira Expedição Portuguesa, comandada pelo rei dom João I, termina com a conquista de Ceuta, em 21 de agosto de 1415. Um dos mais importantes portos africanos, ao norte do Marrocos, é o ponto de partida para as descobertas portuguesas na África Ocidental.

O Cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente, é contornado em 1487 por Bartolomeu Dias (1450-1500), abrindo caminho para o Oriente. A primeira ligação por mar entre Europa Ocidental e Índia é feita em 8 de julho de 1497 por Vasco da Gama (1469-1524).

Ele parte da Praia de Restelo, em Portugal, e em 1498 chega ao porto indiano de Calicute. Em 22 de abril de 1500, uma nova esquadra liderada por Pedro Álvares Cabral chega à Costa Brasileira.

✓ Espanha

Atrasados em relação a Portugal, os espanhóis patrocinam a viagem de Cristóvão Colombo ao Oriente em 1492. Acreditando que a Terra era redonda, Colombo supõe ter alcançado o Oriente navegando pelo Ocidente. Na verdade, descobre outro continente: a América. Entre 1503 e 1513, o navegador florentino Américo Vespúcio (1451-1512) viaja ao continente a serviço da Espanha.

Ainda com patrocínio espanhol, Fernão de Magalhães (1454-1521) começa em 1519 a primeira viagem de circunavegação da Terra. Parte de Cádiz, no litoral da Espanha, atravessa o Atlântico Sul e cruza o estreito que hoje tem seu nome. Ruma para a Ásia, chegando às Filipinas em 1521. A tese sobre a forma esférica da Terra fica assim comprovada.

Para o conjunto da economia europeia, no século XVI, caracterizada pela produção em crescimento e pelo aumento das transações mercantis, ao lado de um novo crescimento de sua população, o efeito mais importante dos grandes descobrimentos foi a alta geral dos preços..."

Compreensão

1. O efeito a que o texto se refere foi provocado.

- a) pelo grande fluxo de metais preciosos.
- b) pela ampliação da área de produção agrícola.
- c) pela redução do consumo de produtos manufaturados.
- d) pela descoberta de novas rotas comerciais no Oriente.
- e) pelo deslocamento do eixo comercial para o Mediterrâneo.

2. Para se compreender historicamente o contexto em que se iniciou as práticas de navegações europeias que resultaram no que ficou conhecido como as Grandes Navegações, o autor do texto Grandes Navegações diz que é necessário fazer a associação entre algumas situações históricas. Indique qual das alternativas abaixo está correta.

- a) Renascimento Cultural, fortalecimento dos Senhores Feudais e formação dos Estados Nacionais.
- b) Reavivamento comercial da Baixa Idade Média, formação dos Estados Nacionais e ascensão da burguesia.
- c) Reavivamento comercial da Baixa Idade Média, formação dos Estados Nacionais e ascensão da nobreza.
- d) Controle dos mercados marítimos pelos árabes, formação dos Estados Nacionais e ascensão da Burguesia.

3. Sobre as características das Grandes Navegações do século XV, indique a alternativa incorreta:

- a) Em 1434, o navegador Gil Eanes ultrapassou o Cabo do Bojador, abrindo portas para a conquista lusitana sobre o Litoral Africano.
- b) Desde o século XII, a entrada dos produtos orientais se dava pelo monopólio exercido pelos comerciantes italianos e árabes no Mar Mediterrâneo. Com o objetivo de superar a dependência para com esses atravessadores, Portugal promoveu esforços para criar uma rota que ligasse diretamente os comerciantes portugueses aos povos do Oriente.
- c) Como consequência das várias expedições realizadas pelos portugueses na costa ocidental do continente africano, o navegador Vasco da Gama conseguiu chegar à cidade indiana de Calicute em 1498, e voltou a Portugal com uma embarcação cheia de especiarias.
- d) Ao mesmo tempo em que Portugal despontou em sua expansão marítima, a Espanha, mesmo envolvida no processo de expulsão dos mouros da Península Ibérica, acompanhou os portugueses nas expedições marítimas. O fim da chamada Guerra de Reconquista foi apenas mais um passo para o fortalecimento dos espanhóis na corrida de Expansão Marítima.
- e) A rivalidade entre Portugal e Espanha pela exploração das novas terras descobertas levou ambos os reinos a assinarem tratados definidores das regiões a serem dominadas por cada um deles. Em 1493, a Bula Intercoetera estabeleceu as terras a 100 léguas de

Cabo Verde como região de posse portuguesa. No ano seguinte, Portugal solicitou o alargamento das fronteiras para 370 léguas de Cabo Verde, instituindo o Tratado de Tordesilhas.

O Impacto da Chegada dos Portugueses na Vida da População Indígena da América

Com os portugueses ocupando o Brasil, começaram a ter interesses sobre o lugar que agora era de posse deles. Inicialmente começaram a extrair algumas riquezas como Pau-Brasil e muito tempo depois, podemos citar o exemplo do ouro. Usando assim o trabalho escravo do índio para extrair os “produtos”. Outro objetivo seria ocupar as terras e fazê-las com que se tornassem um território a mais de Portugal. O primeiro contato entre índios e portugueses em 1500 foi de muita estranheza para ambas as partes.

As culturas eram totalmente diferentes e pertenciam a mundos distintos. Enquanto os índios viviam da pesca e da agricultura e não usam muitas roupas, os portugueses usavam roupas pesadas e bem feitas para conseguir permanecer no frio europeu e se alimentam de comidas mais bem preparadas e não precisam caçar.

Feitorias eram locais estabelecidos ao longo do litoral brasileiro. O sistema realizado era o escambo com os indígenas: os portugueses ofereciam miçangas, espelhos e outros objetos insignificantes em troca da madeira.

Esta era cortada e carregada pelos índios até a feitoria onde permanecia até a chegada de alguma embarcação.

As Capitanias Hereditárias foram uma forma de administração territorial feita pela Coroa Portuguesa, dividindo assim o Brasil em 15 faixas de terra todas governadas por um donatário. Os índios sofreram muito nas mãos dos donatários, pois os mesmo poderiam escravizar índios para trabalho agrícola, montar engenhos, além de cobrar impostos e exercer a justiça em seus domínios.

Segundo o Censo IBGE realizado em 2010, calcula-se que a população de índios seja de 896.917 pessoas. Quando os portugueses chegaram ao Brasil havia aqui uma população de 6 milhões de índios. Depois de escravizá-los, catequizá-los (contra sua vontade) e matá-los, em 1950 havia entre 70e 100 mil.

Compreensão

1. Leia a charge abaixo.



[illegible]

Num domingo, dia 8 de março de 1500, Lisboa estava em festa. A Armada comandada por Pedro Álvares Cabral desferrava-se, partiria para as Índias. Ancorada no Restelo, depois chamado de Belém, nas margens do Rio Tejo, zarpava em busca das almeçadas

especiarias de Calicute e de outros logradouros orientais. Compunha-se de 13 barcos, com 1200 a 1500 soldados, dotados de bom armamento e de poderosa artilharia.

As informações sobre a trajetória a seguir vinham da viagem anterior, capitaneada por Vasco da Gama, retornado a Portugal oito meses antes, com os porões carregados de pimenta, canela, gengibre, tecidos finos e outras excentricidades orientais que tanta procura tinham entre os europeus.

Em verdade, tratava-se de uma expedição militar-comercial, pois as relações de troca com o Oriente envolviam medidas coercitivas e, seguidamente, violentas como os acontecimentos sofridos pela feitoria portuguesa em Calicute revelaram.

A Cruzada Econômica – depois de oficiada a missa, El-Rei D. Manuel, o Venturoso, entregou a Cabral a bandeira da Ordem de Cristo e um barrete benzido pelo papa especialmente para a ocasião. Além de desbravar outros caminhos, os lusos, como a maioria dos cristãos medievais considerava-se em guerra permanente contra o Islã.

A expedição às Índias era de certa forma, uma cruzada, uma cruzada de outro tipo, uma cruzada econômica. Pensavam, ao circunvagarem a África, atingir os mercados orientais e assim enfraquecer a economia dos infiéis, pois os portos do Levante controlados por eles atuavam como intermediários, quase que monopolistas, do valiosíssimo comércio das especiarias. Estabelecida uma rota oceânica certa e confiável para as Índias, os portugueses afastariam a mão do mouro daqueles negócios.

O Cavaleiro-Mercantil – disse ter sido Pedro Álvares Cabral um cavaleiro-mercantil, afeito à era da Revolução Comercial que se avizinhava que sabia combinar a busca pelos feitos de honra com as afeições aos dinheiros e aos ganhos.

Não mais um cruzado, de elmo, lança e escudo, marchando para libertar o Santo Sepulcro, mas um capitão-do-comércio, emproando uma nau com canhões, atrás de lucros, debilitando o Crescente, inimigo da Cruz, atacando-o pela retaguarda. Outros tempos, outras armas.

O palco da luta não seria mais só a costa norte do Mediterrâneo, o litoral do Marrocos, a Argélia, o Egito e a Palestina, mas as águas quentes do Oriente, os portos da terra dos marajás.

Gente Ilustre – além do comandante-mór Pedro Álvares Cabral, fidalguíssimo, estavam a bordo Bartolomeu Dias que primeiro cruzara o cabo da Boa Esperança no sul da África, o “Capitão do Fim” como o chamou Fernando Pessoa; Nicolau Coelho que acompanhara a expedição de Vasco da Gama à Índia dois anos antes; Duarte Pacheco, descobridor de terras na África e na América, e o franciscano D. Henrique, futuro inquisidor, que trazia consigo mais sete outros frades e seria quem oficiaria a 1ª Missa no Brasil.

O substituo oficial de Cabral, seu vice-comandante, era um fidalgo espanhol, refugiado na corte de D. Manoel, chamado Sancho de Tovar.

O Mar Longo – a viagem de Cabral, segundo os registros, foi sem grandes sobressaltos. Perdeu-se apenas uma embarcação.

No dia 14 de março a esquadra passou pela Grã-Canária e, no dia 22, pelas Ilhas do Cabo Verde. Dali rumou para o oeste, enfrentando o “mar longo”, navegando nele por

um mês. Após percorrer 660 léguas, uns 3600 quilômetros, “topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha”, registrou o escrivão Caminha, viram abundantes plantas e algas, “que os mareantes chamam Botelho” vindas da Costa Brasileira.

Era uma quarta-feira, 22 de abril de 1500, quando batizaram de Monte Pascoal a primeira elevação que avistaram do mar, por ser o oitavo dia da Páscoa cristã, e a terra, segundo Caminha, de “a terra da Vera Cruz”.

O relato mostra que não houve surpresa por parte da tripulação ou dos comandantes com o “achamento”. Indicam isso sim que eles tinha certeza que encontrariam terra em algum ponto na travessia do mar longo (que pode-se entender como o mar que separa a costa africana da brasileira).

A franja de litoral que lhes coube desembarcar estava, como verificou-se posteriormente, dentro dos limites estabelecidos aos lusos pelo Tratado de Tordesilhas, que a partir das 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, dividiu o mundo a ser desbravado entre os dois reinos Iberos, acertado pelo Papa Alexandre VI em 1494.

Na Praia – na reunião feita a bordo do navio capitania, ancorada na boca do Rio Frade, no Estado da Bahia de hoje, decidiu-se enviar para a praia a Nicolau Coelho, um veterano que seguira Vasco da Gama.

Na sua companhia foi um tradutor, um judeu de nome Gaspar da Gama, por dominar alguma coisa de árabe e outros idiomas exóticos, pois os chegados pensavam ser costa indiana.

Mal o batel encalhou na praia foi recebido pacificamente por 18 homens, que como os descreveu o escrivão Pero Vaz de Caminha, eram “pardos, maneira de avermelhados, nus, sem nenhuma cobertura,....muito rígidos, armados de arco e flechas”. Imediatamente, recorrendo a sinais, trocaram presentes. Os lusos deram-lhes “um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um sombreiro preto”, recebendo um cocar de penas coloridas. Dois mundos: Espantaram-se os navegantes com os pequenos ossos que os nativos traziam atravessados nos lábios - “os bicos de ossos nos beiços” - e por sua inocência e ausência de pudor.

Eram Adão antes de provar o fruto proibido. Naquele curto instante, nos estreitos limites da praia baiana, à sombra das palmeiras, dois mundos separados por séculos, por milênios, se encontraram.

Duas eras encararam-se frente a frente – o ser pré-histórico da Idade da Pedra viu-se, sem o saber, perante o seu futuro conquistador, o ser da Idade do Ferro, ali armado de mosquete e espada. O homem cor de cobre, o tupi, cederia nos séculos vindouros tudo aquilo que o cercava ao lusitano, o brancarrão barbudo desembarcado, vindo da distante Europa.

Compreensão

1. Qual foi o primeiro português a realizar uma Grande Navegação Marítima pelo Oceano Atlântico?

2. Qual foi o primeiro navegador português que conseguiu encontrar uma Rota Marítima para as Índias?

3. Em que ano Pedro Álvares Cabral chegou ao atual Brasil?

4. Quais habitantes que Pedro Álvares Cabral encontrou no atual Brasil?

5. Depois de conhecer as terras que hoje é o Brasil, Pedro Álvares Cabral retornou imediatamente a Portugal? Explique.

6. Marque V para verdadeiro ou F para falso.

a) () Cristóvão Colombo estava presente na expedição de Cabral rumo ao Brasil.

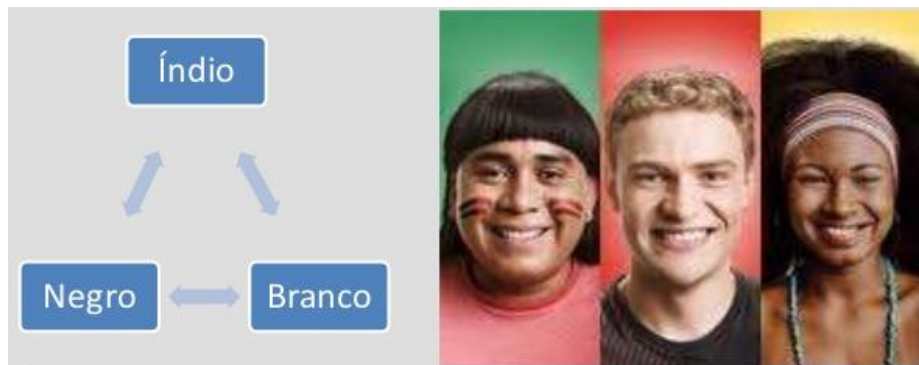
b) () Os Portugueses desejavam comercializar os produtos trazidos das Índias.

c) () O Rei de Portugal apenas porque pretendia localizar uma nova rota para as Índias.

d) () A chegada dos portugueses ao território do atual Brasil, causou grandes problemas ao indígenas.

Capítulo 9

A Formação Do Brasil



Os Povos Indígenas

No ano de 1500, a chegada da expedição do navegador português Pedro Álvares Cabral marcou oficialmente a colonização das terras brasileiras pela Coroa Portuguesa. A primeira impressão que temos é que, já naquele mesmo ano, os portugueses começaram a explorar e lucrar muito com as riquezas a serem exploradas em nossas terras. Mas as coisas não aconteceram de forma tão simples assim.

Antes de alcançar o Brasil, os portugueses vinha há muito tempo buscando uma rota para chegarem às Índias. Essa rota era feita através da navegação de boa parte do litoral africano até que as embarcações alcançassem os mares do Oriente. Depois de várias viagens feitas durante o século XV, os portugueses conquistaram essa rota e, com isso, esperavam lucrar com os tecidos, temperos e outras mercadorias encontradas no mundo oriental.

Desse modo, ao chegarem ao Brasil, os portugueses estavam bem mais preocupados em desenvolver o comércio oriental do que se arriscar com as desconhecidas terras brasileiras. Foi de tal modo que, nas três primeiras décadas da nossa colonização, os portugueses pouco fizeram por aqui. Alguns historiadores chegam a dizer que os trinta primeiros anos de nossa colonização foram marcados por certo “abandono”.

É importante destacar que, mesmo não tendo a mesma importância das Índias, o território brasileiro foi em diferentes momentos visitados por embarcações portuguesas que tinham a função de reconhecer melhor o nosso território e patrulhar nossas terras contra a invasão de outras nações europeias que tinham o interesse de colonizar o Brasil. Na verdade, a falta de uma presença mais marcante dos portugueses incentivou que outros povos europeus, como espanhóis e franceses, chegassem a desembarcar por aqui nesse tempo.

Não encontrando nenhuma grande riqueza mais atraente, como os metais preciosos, os portugueses se limitaram a explorar a extração do pau-brasil nessa época. Essa madeira, além de servir para construção de casas e embarcações, tinha uma tinta natural avermelhada que servia para o tingimento de tecidos. Nesse tempo, os tecidos tingidos na cor vermelha eram muito valorizados na Europa.

Para realizarem a retirada das toras de pau-brasil do nosso território, os portugueses contaram com o auxílio dos grupos indígenas que aqui viviam. Afinal de contas, os portugueses não tinham conhecimento das regiões exatas em que esse tipo de madeira poderia ser encontrado. Os indígenas, tendo maior conhecimento do território, realizavam a extração da madeira nas matas e o transporte até as regiões litorâneas. As toras de madeira eram armazenadas nas feitorias, construções que eram empregadas como marcos da presença portuguesa no Brasil.

Os indígenas que realizavam esse tipo de trabalho eram recompensados pelo sistema de “escambo”. Nesse tipo de sistema de trabalho, os indígenas recebiam mercadorias diversas em troca do pau-brasil retirado. Notamos aqui que o trabalho escravo ainda não havia sido implantado pelos portugueses. A escravidão só começou a partir da década de 1530, quando os portugueses intensificariam sua presença no Brasil. Mas afinal, por que motivo eles tiveram mais interesse no Brasil a partir desse momento?

A mudança de comportamento dos portugueses pode ser explicada por vários motivos. O primeiro deles é o fracasso do comércio desenvolvido nas Índias. A demorada viagem e a concorrência imposta por outros comerciantes diminuíram as vantagens que os portugueses esperavam ter no Oriente. Além disso, as ameaças de invasão estrangeira no Brasil e a existência de ouro em outras regiões da América também motivaram a mudança da atenção portuguesa para com nossas terras.

Foi assim que, no ano de 1530, uma expedição chefiada por Martim Afonso foi mandada com diversos objetivos. Chegando aqui, essa nova expedição portuguesa deveria expulsar os estrangeiros que aqui se encontrassem e buscar metais preciosos em nossas terras. Ao mesmo tempo, deveriam fundar os primeiros povoamentos que marcariam o início de uma colonização portuguesa mais intensa em nossas terras.

Compreensão

1. Explique como iniciou o processo de colonização das terras brasileiras.

2. Como os portugueses passaram a explorar o novo território?

3. Qual era a importância do pau-brasil para os portugueses?

4. Como os portugueses passaram a explorar os indígenas?

Origem do nome Brasil

A paisagem diversificada das terras tupiniquins motivou a procura pelo nome ideal para representar a região encontrada. A paisagem diversificada das terras tupiniquins motivou a procura pelo nome. Assim que chegaram ao território brasileiro em 1500, os viajantes portugueses estiveram diante de uma terra que inicialmente para eles era uma ilha. Após outras expedições e do reconhecimento territorial, os lusitanos perceberam que estavam diante de uma área de proporção continental. Iniciava-se, então, uma discussão simbólica e importante acerca do nome a ser dado para a terra recém-descoberta.

Essa incerteza em relação ao tamanho do território gerou o primeiro nome da região que foi Ilha de Vera Cruz. Esse primeiro nome foi dado por Pedro Álvares Cabral quando chegou a terra recém-encontrada, porém, a discussão em torno da escolha de um nome para essa região da América estava apenas começando. Foi na expedição de Gonçalo Coelho – a mando do rei D. Emanuel – que os portugueses, tendo melhor conhecimento do tamanho do território, criaram outros nomes para a região, como Terra dos papagaios e Terra de Santa Cruz, sendo esta última nomenclatura criada pelo rei português D. Emanuel.

A procura pelo nome ideal que representasse a terra gerou certa confusão, tanto que Pedro Vaz de Caminha em sua carta enviada ao rei de Portugal utilizou dois termos diferentes sobre o mesmo território, Terra de Vera Cruz e Ilha de Vera Cruz. Essa confusão realçava a problemática em torno da criação de um nome para uma terra até então desconhecida pelos europeus, mas que chamava a atenção pelo sua paisagem diversificada e diferente do cenário das cidades europeias.

Outro nome logo surgiu a partir das primeiras extrações de pau-brasil das florestas. Os navegantes começaram a denominar o território de Brasil por causa dessa árvore que durante as três primeiras décadas foi o principal motivo de viagens dos portugueses à região encontrada por Cabral. Portanto, o nome Brasil fixou-se no imaginário dos viajantes e dos colonizadores e prevaleceu sobre as outras nomenclaturas.

Os Tupis e os portugueses: encontros e desencontros

O Período da Colonização Portuguesa é caracterizado pela chegada dos portugueses nas terras que hoje chamamos de Brasil, e essa chegada fica marcada pelo primeiro contato dos brancos com os vários povos indígenas, no dia 22 de abril de 1500. A princípio os portugueses tiveram contato com os Tupiniquins, um grupo do tupi-guarani, que predominavam a facha litorânea das terras descobertas.

O primeiro contato causou estranhamento entre ambos, mesmo assim, foi um encontro amistoso, esse relacionamento amigável pode ser percebido na prática de troca do pau-brasil por vários objetos trazido pelos portugueses, denominado de escambo. Outro ponto que demonstra essa proximidade, onde se realizava casamentos entre índias tupis com o português, e também por meio das alianças entre portugueses e índios para conquistar outras tribos inimigas.

No período de conquista do novo mundo, muitos índios morreram por causa de armas de fogo, usadas pelos europeus nas guerras de conquista. Essas mortes também

foram motivadas pelas doenças trazidas com os homens brancos, chegando a serem mais letais do que as próprias armas de fogo. Outro quesito que causou a mortandade indígena foi a submissão destes ao trabalho escravo ou a resistência à escravidão.

Os povos de origem Tupi falavam línguas semelhantes, o que facilitava o contato entre eles, também apresentavam semelhanças no seu modo de vida. Esses povos viviam agrupados em aldeias, construía casas chamadas de malocas, o seu líder era denominado de morubixaba, onde cada aldeamento ficava representado por um líder, as principais lideranças formavam um conselho quando ocorria guerra. Outra importante liderança eram os pajés ou caraíbas, líderes religiosos.

Os indígenas possuíam uma relação de respeito com suas lideranças e com a natureza. Até hoje fica evidente a herança indígena introduzida na cultura brasileira, isso pode ser percebido nas plantas alimentícias, medicinais e estimulantes.

Compreensão

1. Explique a prática “escambo”.

2. Como eram os hábitos dos Tupis.

3. Elabore um breve texto sobre o cotidiano indígena.

Algumas Tribos Indígenas

Conforme já sabemos, antes da chegada dos portugueses ao Brasil já existiam vários grupos indígenas habitando o nosso território. Diante dessa variedade, os índios brasileiros foram classificados segundo as línguas distintas, que são: Tupi, Macro-jê, Aruak e Karib.

Observe abaixo as características das línguas e dos grupos indígenas que as falam.

✓ **Tupi**

Os grupos indígenas de língua tupi eram as tribos tamoió, guarani, tupiniquim, tabajara etc. Todas essas tribos se encontravam na parte litorânea brasileira. Estes foram os primeiros índios a terem contato com os portugueses que aqui chegaram. Essas tribos eram especialistas em caça, ótimos pescadores e desenvolveram bem a coleta de frutos.

✓ **Macro-jê**

Raramente eram encontrados no litoral. Com exceção de algumas tribos na Serra do Mar, eles eram encontrados principalmente no planalto central. Nesse contexto, destacavam-se as tribos ou grupos: timbira, aimoré, goitacaz, carijó, carajá, bororó e botocudo. Esses grupos indígenas viviam nas proximidades das nascentes de córregos e rios, viviam basicamente da coleta de frutos e raízes e da caça. Esses grupos só vieram a ter contato com os brancos no século XVII, quando os colonizadores adentraram no interior do país.

✓ **Karib**

Grupos indígenas que habitavam a região que hoje compreende os estados do Amapá e Roraima, chamada também de Baixo Amazonas. As principais tribos são os atroari e vaimiri - esses eram muito agressivos e antropofágicos, isso significa que quando os índios derrotavam seus inimigos, eles os comiam acreditando que com isso poderiam absorver as qualidades daqueles que foram derrotados. O contato dessas tribos com os brancos ocorreu no século XVII, com as missões religiosas e a dispersão do exército pelo território.

✓ **Aruak**

Suas principais tribos eram aruã, pareci, cunibó, guaná e terena. Eram situados em algumas regiões da Amazônia e na ilha de Marajó. A principal atividade era o artesanato cerâmico.

Leitura Complementar

A Violência contra os Povos Indígenas

A violência contra os povos indígenas no Brasil levou à ocorrência de 118 assassinatos em 2016, segundo relatório lançado nesta quinta-feira (5) pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Ao todo, 106 indígenas se suicidaram no ano passado. Apenas nesse período, 735 crianças indígenas menores de 5 anos morreram por causas diversas, como em decorrência da desnutrição infantil.

O maior número de vítimas, 44, foi registrado em Roraima, entre o povo Yanomami, que, no ano passado, contabilizou 59 mortes. O Mato Grosso do Sul, onde vivem os Guarani-Kaiowá, registrou 18 mortes por agressões. No estado, é alto também o número de suicídios: 30. Na sequência, Ceará e Maranhão vivenciaram muitos casos de assassinatos, com 11 e sete mortes respectivamente. Os números são da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e foram obtidos pelo Cimi por meio de solicitações encaminhadas pela Lei de Acesso à Informação.

As mortes em 2016 mostram a continuidade das agressões aos povos tradicionais. Em 2015, foram 137 assassinatos. Em 2014, 138. Em 2013, quando foram contabilizados apenas os casos informados por integrantes do Cimi e registrados pela imprensa, sem dados oficiais, foram 53. “A gente tem observado, e os dados demonstram, um crescimento de todas as formas de violência contra os povos indígenas e seus direitos”, disse Cleber Buzatto, secretário-executivo do conselho indigenista.

De acordo com o estudo, que agrega, além dos dados, uma série de artigos que analisam a situação dos povos indígenas no Brasil, os assassinatos estão associados a um processo mais amplo de tentativa de desconstrução de direitos consagrados pela Constituição Federal. Buzatto aponta que a bancada de parlamentares identificada como ruralista é responsável por essa movimentação, que “acaba se refletindo em ataques”.

Como exemplo desse processo, ele cita a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215, que propõe alterar a Carta Magna para transferir ao Congresso a decisão final sobre a demarcação das terras indígenas. Além disso, segundo Buzatto, “há um aumento de práticas de discursos de incitação ao ódio e à violência. De alguma maneira, na nossa avaliação, acaba repercutindo em maiores e mais graves agressões contra os povos, comunidades e suas lideranças”.

Demarcação de Terras

Para que esse cenário seja alterado, o Cimi defende que é fundamental garantir a demarcação das terras indígenas. O relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil – Dados 2016 evidencia que o total de terras indígenas no Brasil passou de 1.113, em 2015, para 1.296, em 2016. Dessas, apenas 401 terras, o que representa 30,9% do total, já foram registradas pela União; dois terços ainda aguardam demarcação; 836, 64,5%, dependem de alguma providência a ser tomada pelo Estado brasileiro; e 530 terras, 63,3%, não tiveram quaisquer providências administrativas tomadas.

“Nós temos insistido que a forma principal, central e estruturante para dirimir esses casos passa necessariamente pela demarcação das terras”, disse Buzatto, para quem esta é a “condição básica e fundamental para que a violência tenha uma diminuição, pois, do contrário, a gente não tem muita perspectiva, haja vista todas as formas de agressão e a paralisação dos procedimentos de demarcação, o que acaba eternizando os conflitos e violências”.

A situação dos povos indígenas no Brasil tem preocupado a sociedade civil e também órgãos internacionais. Das 246 recomendações feitas ao Brasil pelas Nações Unidas no processo de Revisão Periódica Universal, 34 tratam especificamente da garantia dos direitos indígenas: avanço na demarcação das terras; proteção das lideranças e

fortalecimento da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama). O governo brasileiro comprometeu-se com o cumprimento das medidas. Após visita ao país, relatores da ONU e da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) criticaram a situação dos povos indígenas no Brasil e o que classificam como “ataques aos direitos ambientais”.

Mais recentemente, Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e o Escritório Regional para América do Sul do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) emitiram nota instando o Estado brasileiro a desenvolver políticas para a proteção de indígenas que optam por viver isolados.

A Garantia dos Direitos Indígenas

A violência contra os povos indígenas no Brasil levou à ocorrência de 118 assassinatos em 2016, segundo relatório lançado nesta quinta-feira (5) pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Ao todo, 106 indígenas se suicidaram no ano passado. Apenas nesse período, 735 crianças indígenas menores de 5 anos morreram por causas diversas, como em decorrência da desnutrição infantil.

O maior número de vítimas, 44, foi registrado em Roraima, entre o povo Yanomami, que, no ano passado, contabilizou 59 mortes. O Mato Grosso do Sul, onde vivem os Guarani-Kaiowá, registrou 18 mortes por agressões. No estado, é alto também o número de suicídios: 30. Na sequência, Ceará e Maranhão vivenciaram muitos casos de assassinatos, com 11 e sete mortes respectivamente. Os números são da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e foram obtidos pelo Cimi por meio de solicitações encaminhadas pela Lei de Acesso à Informação.

As mortes em 2016 mostram a continuidade das agressões aos povos tradicionais. Em 2015, foram 137 assassinatos. Em 2014, 138. Em 2013, quando foram contabilizados apenas os casos informados por integrantes do Cimi e registrados pela imprensa, sem dados oficiais, foram 53. “A gente tem observado, e os dados demonstram, um crescimento de todas as formas de violência contra os povos indígenas e seus direitos”, disse Cleber Buzatto, secretário-executivo do conselho indigenista.

De acordo com o estudo, que agrega, além dos dados, uma série de artigos que analisam a situação dos povos indígenas no Brasil, os assassinatos estão associados a um processo mais amplo de tentativa de desconstrução de direitos consagrados pela Constituição Federal. Buzatto aponta que a bancada de parlamentares identificada como ruralista é responsável por essa movimentação, que “acaba se refletindo em ataques”.

Como exemplo desse processo, ele cita a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215, que propõe alterar a Carta Magna para transferir ao Congresso a decisão final sobre a demarcação das terras indígenas. Além disso, segundo Buzatto, “há um aumento de práticas de discursos de incitação ao ódio e à violência. De alguma maneira, na nossa avaliação, acaba repercutindo em maiores e mais graves agressões contra os povos, comunidades e suas lideranças”.

As Escolas Indígenas

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas.

Com vistas à garantia desse direito fundamental e de cidadania, a FUNAI, enquanto órgão federal articulador das políticas indigenistas, atua com o objetivo de contribuir na qualificação dessas políticas e de, junto aos povos indígenas, monitorar seu funcionamento e eventuais impactos, ocupando espaços de controle social tanto em âmbito nacional como local. Essa atuação considera experiência e o conhecimento especializado acumulado ao longo do tempo pela atuação junto aos povos indígenas.

A Política Educacional guarda relações inerentes com outras políticas e ações, desenvolvidas pela FUNAI e por outros órgãos de governo, voltadas aos povos indígenas, como políticas voltadas à gestão territorial, à sustentabilidade, à saúde, etc. Por isso, a harmonização dessas ações convergentes, sob coordenação da FUNAI, é fundamental para o estabelecimento de relações do Estado com povos indígenas que reconheçam e respeitem a autonomia dos povos indígenas e suas formas próprias de organização.

Como nós atuamos em diferentes níveis e modalidades de Educação Escolar Indígena?

As três áreas de ações prioritárias da FUNAI no âmbito da Coordenação de Processos Educativos – COPE que integra a Coordenação Geral de Promoção da Cidadania – CGPC são:

- ✓ Apoio à discussão e elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos;
- ✓ Monitoramento das políticas de Educação Escolar Indígena;
- ✓ Apoio a processos de discussão e implementação de projetos de Educação Profissional;
- ✓ E iniciativas de garantia do acesso e permanência dos povos indígenas ao ensino superior.

Capítulo 10

A Diáspora Africana

Diáspora Africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África.

Para pensar nesta diáspora, é preciso destacar as regiões portuárias. Tais regiões marcaram a entrada desses indivíduos em novos mundos, e por serem locais de chegada, eram também marcados pelo contato e pela mistura de diferentes realidades. Os números são bastante relevantes nesse contexto. Foram aproximadamente doze milhões de africanos trazidos às Américas, e destes, 40% desembarcaram no Brasil, marcando a história do país pela diversidade cultural, étnica e social.

A imigração forçada é exemplo da violência e da exploração sistemática de homens e mulheres para sustentação de um regime escravocrata, do monopólio de cultivos como os do açúcar e da própria Coroa Portuguesa. Mas não só de violência o cotidiano desses sujeitos era feito. Um mundo de trocas e sociabilidade se construiu a partir da experiência num novo local. Formas de ver o mundo, domínio de diferentes tecnologias, ideias e crenças são exemplos destas trocas. Africanos de todas as partes do continente precisaram construir novas formas de viver a vida em terras (hoje) brasileiras.

Assim, a diáspora não é apenas sinônimo da imigração à força, mas também uma redefinição indenitária, ou seja, a construção de novas formas de ser, agir e pensar no mundo. Os castigos físicos e o sofrimento fizeram parte da vida de homens e mulheres escravizados. Mas as lutas diárias, os novos elos afetivos, os vínculos familiares também. O processo da diáspora consistiu em uma trama complexa que envolveu desde a captura de homens e mulheres em diversas sociedades africanas, a travessia do oceano atlântico nos navios negreiros, a inserção – violenta e brutal – no novo contexto, até a construção de novas identidades. O Brasil foi a região americana com o maior número de escravizados e, por isso, até hoje traz as marcas das diversas culturas do continente africano.

Os africanos que aqui chegaram vieram de diversos locais do continente. A transformação desses homens e mulheres em escravos começava já na África, nas feitorias, ou no porto logo ao chegar na nova terra. Nesse processo foram modificados e suas referências culturais redefinidas. Dessa forma, diversos povos – benguelas, cabindas, angolas, minas, entre tantos outros – embarcaram nos navios e aqui chegaram. Estes africanos passam a ser chamados não mais pelas suas formas próprias de identificação ou pelas suas formas de organização social mas sim pela ideia de nação. Por nação os agentes do tráfico ou da Coroa referenciavam ou os portos de onde embarcaram, ou as regiões de onde eram provenientes ou a identificação feita pelos próprios traficantes.

Dessa forma só é possível mapear as regiões de procedência, mas não os grupos étnicos aos quais esses sujeitos pertenciam. Por isso, novas configurações de identidade vão surgindo no contexto da escravidão. Essas novas nomenclaturas – referências de nação – foram assumidas e apropriadas pelos sujeitos escravizados, pois auxiliavam no processo de reorientação. Por exemplo: nagô foi a terminologia escolhida pelos traficantes de escravos para chamar os povos de língua Ioruba, mas no continente africano esses grupos identificavam-se de outra forma, geralmente a partir de suas cidades de origem. Mesmo aceitando e utilizando a denominação nagô, mantiveram também seus nomes próprios. Esses exemplos mostram a necessidade de construir novas formas de ser e agir no novo mundo, entre tensões, negociações e redefinições.

Compreensão

1. Explique o que foi a Diáspora Africana.

2. Por muito tempo, afirmou-se que os africanos que vieram para o Novo Mundo pertenciam a um mesmo povo. Explique por que essa afirmativa está errada.

3. Sobre os povos africanos, é correto afirmar que:

a) A partir do século XV, diversos povos africanos, ao serem desenraizados e transplantados para diferentes regiões, foram vítimas da maior migração forçada da História da Humanidade.

b) A compra e venda de pessoas escravizadas já era amplamente praticada na África, antes mesmo do interesse europeu pela atividade, o que facilitou os acordos comerciais.

c) A pequena variedade de etnias africanas e a proximidade de suas manifestações culturais facilitaram o processo de desenraizamento e de aceitação daqueles povos da condição de escravos na América.

d) Na época do Tráfico Atlântico, os milhares de sujeitos escravizados não tinham a ciência de que eram “africanos”, pois esta identidade foi forjada muitos anos depois.

e) Muito do que se conhece sobre o passado dos povos africanos deve-se ao papel exercido pelos contadores de histórias, geralmente anciãos, que através da tradição oral, buscam a preservação da memória coletiva.

Capítulo 11

Europeus

Sempre aprendemos desde que iniciamos nossos estudos em História, que o Brasil foi descoberto em 1500 pelo navegador Pedro Álvares Cabral. Temos que ter em mente que este foi apenas uma parte do período conhecido como Expansão Marítima e que há um grande contexto da História que precisa ser reportado para que se possa entender o chamado “Descobrimento do Brasil”.

No início do século XIV, a Europa enfrentou uma profunda crise em todos os setores. A nobreza estava dividida em conflitos e guerras. Houve, nesse mesmo período, a chamada Peste Negra, doença trazida pelos ratos e dizimou metade da população europeia. É nesse contexto que iniciam revoltas camponesas e fome. Os bens disponíveis eram restritos e levavam à conflitos entre camponeses e senhores e à estagnação. Toda essa crise contribuiu para expansão marítima. Alguns livros abordam também a importância de Dom Henrique e sua famosa Escola de Sagres e a localização geográfica que Portugal possui, facilitando as navegações.

No século XV, Portugal se torna um reino unificado e centralizado, menos sujeito a convulsão e disputas, diferente da França, Inglaterra, Espanha. Em torno do rei, se agruparam vários setores influentes como a nobreza e a burguesia, no qual as duas eram favorecidas pela expansão.

Para os comerciantes havia a perspectiva de um bom negócio; para o rei, era a forma de conseguir novas fontes de renda (Mercantilismo); para nobres, servir a Coroa era sinal de recompensa. Para complicar, em 1453, os turcos ocupam a cidade de Constantinopla, fechando o caminho pelo Mar Mediterrâneo para chegar até as Índias. Assim, os portugueses também tinha a necessidade de encontrar uma nova rota para chegar até as Índias.

Em 1499, Pedro Álvares Cabral foi enviado às Índias e, no dia 22 de abril de 1500, chegou na região da atual Porto Seguro (Bahia), que recebeu o nome de Ilha de Vera Cruz, pois se pensava que era uma ilha, mudando para Terra de Santa Cruz e, finalmente, Brasil.

Os Franceses no Brasil

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, em 1500, os territórios recém-descobertos despertaram grandes interesses de outros povos europeus. No presente texto iremos abordar as tentativas de invasões francesas no território colonial brasileiro, que na época pertencia à metrópole Portugal.

A França foi o primeiro reino europeu que contestou o Tratado de Tordesilhas (1494), que dividiu as terras descobertas na América entre Portugal e Espanha. O litoral brasileiro era constantemente frequentado pelos franceses desde o período da extração do pau-brasil. Os franceses, nessa época, mantinham permanentes contatos com os povos indígenas e dessa relação articulavam acordos e alianças com esses povos.

No século XVI, mais especificamente no ano de 1555, os franceses fundaram a chamada França Antártica, na Baía de Guanabara (atual Rio de Janeiro). Lá construíram uma sociedade com influências protestantes, uma vez que, no século XVI, milhares de

protestantes europeus vieram em fuga da Europa para a América em consequência da perseguição católica durante a Contrarreforma Religiosa (conjunto de medidas tomadas pela Igreja Católica com o surgimento das religiões protestantes).

Sob a influência francesa, algumas partes do litoral brasileiro ganharam diversas feitorias e fortes (militares). O principal povo indígena que perpetuou a aliança com os franceses foi o Tamoio. Deste acordo surgiu a Confederação dos Tamoios (aliança entre diversos povos indígenas do litoral: tupinambás, tupiniquins, goitacás, entre outros), que possuíam um objetivo em comum: derrotar os colonizadores portugueses.

Durante cinco anos, aproximadamente, ocorreram diversos conflitos entre os portugueses e a Confederação. No ano de 1567, os portugueses derrotaram a Confederação, extinguindo-a e expulsando os franceses do território colonial.

Ao contrário do que muitos pensaram os franceses não desistiram tão facilmente do Brasil. Eles foram expulsos do litoral brasileiro, da região sudeste (Rio de Janeiro), porém estabeleceram uma nova fixação no território durante o século XVII, mas na região nordeste, mais precisamente na cidade de São Luís (atual capital do Maranhão), onde fundaram, em 1612, a chamada França Equinocial.

Outra vez, a França estava tentando desenvolver uma civilização no Brasil colonial. A metrópole Portugal, rapidamente, no intuito de não perder partes do território da colônia, enviou uma expedição militar à região do Maranhão.

Essa expedição portuguesa atacou os franceses tanto por terra quanto por mar. No ano de 1615, os franceses foram derrotados e se retiraram do Maranhão, deslocando-se para a região das Guianas, onde fundaram uma colônia, a chamada Guiana Francesa.

Após duas tentativas mal sucedidas de estabelecimento de uma civilização francesa, nos séculos XVI e XVII, no Brasil colonial (França Antártida e França Equinocial), os franceses passaram a saquear, através de corsários (piratas), algumas cidades do litoral brasileiro, no século XVIII. A principal delas foi a cidade do Rio de Janeiro, de onde escoava todo ouro extraído da colônia rumo a Portugal.

Uma primeira tentativa de saque, em 1710, foi barrada pelos portugueses; entretanto, no ano de 1711, piratas franceses tomaram a cidade do Rio de Janeiro e receberam dos portugueses um alto resgate para libertá-la: 600 mil cruzados, 100 caixas de açúcar e 200 bois. Terminavam, então, as tentativas de invasões francesas no Brasil.

Compreensão

1. O Tratado de Tordesilhas garantiu a partilha das novas terras a serem conquistadas no mundo apenas a Portugal e Espanha, deixando de fora outros países europeus. Nesse contexto, o Império Português teve que combater os franceses, que em duas tentativas de invasão tentaram estabelecer colônias no território português na América. Sobre esses acontecimentos históricos, responda.

a) Em quais regiões da colônia portuguesa ocorreram essas invasões?

b) Quais os nomes dados a essas colônias e em quais anos elas ocorreram?

2. Para conseguir manter a França Antártica durante os cinco anos de sua existência, no século XVI, os franceses realizaram uma série de alianças com tribos indígenas locais no intuito de se fortalecer contra o exército português. Assinale a alternativa abaixo que indica corretamente a aliança entre as tribos indígenas que auxiliaram os franceses no combate aos portugueses.

- a) Confederação do Equador.
- b) Confederação dos Tamoios.
- c) Aliança dos Tupinambás.
- d) Federação Tupi-guarani.
- e) Associação Tupiniquim.

3. Sobre as Invasões Francesas na Colônia Americana de Portugal, indique a alternativa incorreta.

- a) No século XVI, mais especificamente no ano de 1555, os franceses fundaram a chamada França Antártica na Baía de Guanabara (atual Rio de Janeiro).
- b) Após duas tentativas malsucedidas de estabelecimento de uma civilização francesa, nos séculos XVI e XVII, no Brasil colonial, os franceses passaram a saquear, através de corsários (piratas), algumas cidades do litoral brasileiro, no século XVIII.
- c) No ano de 1615, os franceses venceram os portugueses e permaneceram no Maranhão. Mas ao não conseguirem obter lucros com o comércio na região, deslocaram-se para a região das Guianas, onde fundaram uma colônia, a chamada Guiana Francesa.
- d) Os Tamoios foram os principais povos indígenas que perpetuaram aliança com os franceses. Desse acordo surgiu a Confederação dos Tamoios – aliança entre diversos povos indígenas do litoral (tupinambás, tupiniquins, goitacás, entre outros) que possuíam um objetivo em comum: derrotar os colonizadores portugueses.

4. Considerando a letra **A** para a França Antártica e a letra **B** para a França Equinocial, preencha os parênteses de acordo com as características específicas de cada uma dessas tentativas de colonização francesa no litoral do Brasil colonial.

- () A maior parte dos colonizadores era formada por protestantes franceses que fugiam da perseguição dos Católicos em sua terra natal.
- () A área invadida se localizava no Litoral Maranhense, onde hoje se localiza a cidade de São Luís.
- () A derrota para os portugueses fez com que os franceses se deslocassem para a região das Guianas, formando a Guiana Francesa.
- () A aliança com os tamoios originou a Confederação dos Tamoios, uma união de tribos indígenas que lutavam contra a ocupação portuguesa no litoral do atual estado do Rio de Janeiro.

() A derrota dessa tentativa de colonização francesa levou os portugueses a constatarem que era necessário povoar a região para evitar novas investidas, o que originou a fundação da Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Qual alternativa abaixo indica a sequência correta de preenchimento?

a) A; A; A; B; B.

b) B; A; B; A; B.

c) A; B; A; B; A.

d) A; B; B; A; A.

e) A; B; B; A; B

A Presença Holandesa na Economia Açucareira

Invasões Holandesas – Cronologia	
1624-1625	Invasão de Salvador – Bahia
1630-1654	Invasão de Olinda e Recife – Pernambuco
1630-1637	Fase de resistência ao invasor
1637-1644	Administração de Maurício de Nassau
1644-1654	Insurreição Pernambucana



Na falta de metais preciosos, a solução para obter alguma forma de lucro no Brasil colônia, seria promover a produção de um gênero agrícola que tivesse grande aceitação e elevado preço no mercado europeu.

Em 1532, Martim Afonso de Sousa criou o primeiro engenho no Brasil, distribuindo terras para que os colonos plantassem cana. Em menos de 20 anos as plantações de cana se espalharam de tal forma pelo litoral, que por volta de 1550 o Brasil já era o maior produtor mundial de açúcar.

No Nordeste, especialmente em Pernambuco, encontrou-se excelentes condições de clima e solo, instalando-se rapidamente dezenas de fazendas e engenhos. No início a produção açucareira enfrentou sérios problemas. Plantar cana era uma coisa. Produzir

açúcar, outra. Além do frete ou compra de embarcações para transporte dos colonos e dos equipamentos, o custo para implantação de um engenho era muito elevado, pois os equipamentos eram caríssimos para época, como fornalhas, moendas e vasilhas de cobre. Nesse sentido, os holandeses surgem como peça vital para viabilizar a empresa açucareira na colônia.

Desde o século XV, os holandeses já comercializavam o açúcar produzido pelos portugueses nas ilhas atlânticas. No Brasil, emprestavam o capital, exigindo em troca os direitos de refinação e distribuição no mercado europeu, bem como, o transporte de Portugal para Holanda.

Recolhiam o produto em Lisboa, refinavam e distribuíam na Europa, principalmente na França, Inglaterra e regiões do Báltico. Ficavam com a maior parte da renda gerada pela empresa açucareira brasileira, pois esta era uma época mercantilista, onde o acúmulo de capital estava bem mais na distribuição (comércio), do que na produção da mercadoria.

Durante os séculos XVI e XVII a empresa açucareira brasileira foi a maior do mundo ocidental. A contribuição dos holandeses para a expansão do mercado açucareiro foi um dos principais fatores para o êxito da colonização do Brasil. Destacando-se tanto no comércio, como nas finanças no velho mundo, os holandeses eram nessa época os únicos com organização comercial suficiente para criar um mercado de grandes proporções para um produto como o açúcar.

Compreensão

1. Com o fim da União Ibérica e a reconquista de Pernambuco por parte dos portugueses, os holandeses passaram a montar o seu campo de cultivo de cana-de-açúcar:

- a) na Argentina.
- b) no Peru.
- c) nas Ilhas Japonesas.
- d) nas Ilhas Antilhas, na América Central.
- e) nas Ilhas Polinésias.

2. (...) o número de refinarias, na Holanda, passara de 3 ou 4 (1595) para 29 (1622), das quais 25 encontravam-se em Amsterdã, que se transformara no grande centro de refino e distribuição do açúcar na Europa.

Elza Nadai e Joana Neves

A respeito do aumento de interesse, por parte dos holandeses, não apenas na refinação do açúcar brasileiro, mas também no transporte e distribuição desse produto nos mercados europeus, acentuadamente no século XVII, é correto afirmar que:

- a) com a União Ibérica (1580-1640), os holandeses desejavam conquistar militarmente o litoral nordestino para obter postos estratégicos na luta contra a Espanha.
- b) a ocupação de Salvador, em 1624, por tropas flamengas foi um sucesso, do ponto de vista militar, para diminuir o poderio de Filipe II, Rei da Espanha.

c) a criação da Companhia das Índias Ocidentais foi responsável pela conquista do litoral ocidental da África, do Nordeste brasileiro e das Antilhas, visando obter mão de obra para as lavouras antilhanas.

d) o domínio holandês, no nordeste brasileiro, buscava garantir o abastecimento de açúcar, controlando a principal região produtora, pois foi graças ao capital flamengo que a empresa açucareira pôde ser instalada na colônia.

e) a Companhia das Índias Ocidentais, em 1634, na luta pela conquista do litoral nordestino propõe a proteção das propriedades brasileiras submetidas à custódia holandesa, porém, em troca, os brasileiros não poderiam manter sua liberdade religiosa.

3. Uma das principais contribuições para as cidades pernambucanas de Olinda e Recife, provocada pela movimentação econômica em torno da administração holandesa dos engenhos de açúcar, foi:

a) a reforma urbana, promovida pelo governo de Maurício de Nassau.

b) o desenvolvimento de grandes corporações de manufatura têxtil.

c) a criação de usinas hidrelétricas.

d) a transformação dessas cidades em grandes centros de expedições de bandeirantes.

e) a incorporação de ex-escravos às usinas de açúcar, como sócios.

Capítulo 12

A População Brasileira

O termo população significa um conjunto de pessoas que vive em um determinado lugar, como em um povoado, município, estado, país ou em todo o mundo.

A população dos estados brasileiros é representada pelas pessoas que neles vivem. A população de cada estado começou a se originar mesmo antes de os estados existirem, quando o Brasil ainda não era considerado um país.

Muitos povos contribuíram para a formação da população dos estados brasileiros.

- ✓ Os nativos, indígenas que já habitavam essas terras, antes dos primeiros colonizadores chegarem.
- ✓ Europeus, especialmente os colonos portugueses, vieram para o Brasil durante o Período Colonial.
- ✓ Africanos, grande parte deles trazidos por europeus na condição de escravos.

Além dos indígenas, dos colonizadores portugueses e dos africanos, outros povos contribuíram para a formação do povo brasileiro. Entre eles, estão os chamados de imigrantes: alemães, italianos, japoneses, espanhóis, poloneses, ucranianos, sírios e libaneses.

Imigrantes são pessoas que deixam seu país de origem para viver em outro país. A vinda desses imigrantes foi incentivada pelos nossos governantes, pois estes acreditavam que, com a libertação dos escravos o Brasil precisava de mão de obra para trabalhar, principalmente na agricultura, mas também na indústria, comércio e na prestação de serviços. Ao mesmo tempo, esses imigrantes desejavam sair de seus países de origem, onde enfrentavam guerras e dificuldades econômicas, para vir ao Brasil em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Cada povo que participou da formação do nosso país trouxe sua cultura, isto é, seu modo de vida, seus costumes, suas crenças e suas tradições.

- ✓ Dos indígenas herdamos o hábito de tomar banho diariamente e de dormir e descansar em redes, o uso de vários alimentos, como a mandioca e o milho, a utilização de várias ervas medicinais, várias palavras do nosso vocabulário, como guri, cutucar.
- ✓ Dos africanos, herdamos algumas danças, como o samba e o frevo, festas populares, como maracatu e a congada, e cultos religiosos, como o candomblé.
- ✓ Dos portugueses, herdamos a Língua Portuguesa, algumas comemorações populares religiosas, como as festas juninas, o Natal e a Páscoa, o uso de temperos culinários, como a canela e o alecrim.
- ✓ De outros imigrantes, herdamos o hábito de comer pizza, polenta e macarrão, pratos da culinária italiana, o cultivo de chá e de jute e alguns pratos típicos, como sushi e sashimi, trazidos pelos japoneses.

Mais recentemente, o Brasil vem recebendo imigrantes vindos de países vizinhos, o que contribui para ampliar a diversidade étnica de nossa população.

O Brasil é um país populoso

O Brasil possui, atualmente, uma população aproximada de 191 milhões de habitantes. É a quinta maior população do mundo.

Em todos os países de tempos em tempos, é realizada a contagem da população. No Brasil, de dez em dez anos, recenseadores vão de casa em casa e perguntam sobre as pessoas que ali vivem: quantas são, quais idades, entre outros dados. Essa contagem se chama censo demográfico e é realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa.

O último censo realizado no Brasil ocorreu no ano de 2010. Nesse ano, a população brasileira era formada por 190 732 694 pessoas. A população brasileira é formada por povos de diversas etnias. Para efeito de classificação, o IBGE divide a população em cinco grupos, segundo sua etnia ou cor: brancos, pretos, pardos, indígenas e amarelos.

Compreensão

1. O que é população?

2. Como é representada a população dos estados brasileiros?

3. Como se começou a se originar a população de cada estado?

4. Quais os primeiros povos que contribuíram para a formação dos estados brasileiros?

5. Além dos indígenas, dos portugueses e africanos, que outros povos contribuíram para a formação da população brasileira?

6. Como esses povos são chamados?

7. O que são imigrantes?

8. Por que esses imigrantes vinham para o Brasil?

9. Em que contribui a vinda de imigrantes de países vizinhos ao Brasil?

10. Como é realizada a contagem da população?

11. O que significa IBGE?

12. Quando foi realizado o último Censo no Brasil?

13. Como é formada a população brasileira?

14. Como o IBGE divide a população brasileira?

15. Esses povos que contribuíram para a formação do nosso país trouxeram sua cultura. Escreva o que herdamos dos:

Dos Indígenas: _____

Dos Portugueses: _____

Dos Africanos: _____

De Outros Imigrantes: _____

Cultura e Costumes do Povo Brasileiro

O homem é a fonte de criação popular para a vida em sociedade e o folclore estuda essas soluções. Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascerem hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentária, sátiras, lirismos, assimiladas nos grupos sociais participantes.

Em família, somos em grande parte, o que aprendemos com nossos ancestrais. A educação, o respeito ao próximo e o caráter herdamos dos nossos antepassados. Um país é uma grande família. Tem seus costumes próprios, sua formação popular que sobrepuja qualquer reação isolada. Ignorar o folclore do próprio país equivale a desconhecer a própria herança familiar.

O povo brasileiro é produto, em princípio de três raças: branca, negra e indígena. Os costumes desses povos eram diversos e de sua mescla, de sua fusão resultou nossa cultura. E, a cultura popular brasileira é uma das mais belas do mundo. Pena que, como país subdesenvolvido que éramos, estávamos sujeitos a influências dos países mais desenvolvidos. Aceitar nosso folclore passou a ser até mesmo motivo de mau gosto.

O Brasil descobre a si próprio e, a cada dia, nos empenhamos mais em ocupar o merecido lugar entre as principais nações do mundo. Aos jovens cabe descobrir o folclore. A eles cabe sentir orgulho em cantar nossas músicas, dançar nossas danças, em soerguer nosso artesanato.

O folclore brasileiro é a base de nossas tradições. Devemos ter orgulho de que somos resultado de povos sensíveis e criativos. O Brasil é um país rico em diversidade cultural. Pode-se dizer que um fator determinante para este fato é a forma com que foi colonizado onde predominou a mistura de raças e etnias.

Dessa mistura nasceram ritmos únicos que são apreciados em todo o planeta. É importante para o indivíduo conhecer as raízes da história de seu país e

consequentemente as suas. Falaremos um pouco dos ritmos presentes nas regiões nordeste e sudeste já que estas servirão de inspiração para a realização deste trabalho. No nordeste temos o frevo, maracatu, coco, bumba-meu-boi, entre outros.

✓ **Frevo**

A palavra Frevo, derivada de ferver designa a dança carnavalesca de rua e de salão, essencialmente rítmica, em compasso binário e andamento mais rápido que o da marchinha carioca, e na qual os dançarinos (passistas) executam coreografia individual, improvisada e frenética. É uma dança brasileira, originária do Nordeste do país.

✓ **Maracatu**

O maracatu é uma dança com raízes religiosas e históricas muito populares em Pernambuco, e que apresenta variações de tipos e nomes: maracatu de baque virado, maracatu nação, maracatu rural, maracatu de orquestra, entre outros. Os personagens são nobres soberanos – como reis negros e brancos, rainhas e embaixadores – vestidos luxuosamente e acompanhados de toda a corte.

Em alguns maracatus, há ainda a presença de baianas, meninos, índios, escravos e também de bonecos. O grupo desfila pelas ruas e em certos momentos há imitações de duelos. Os músicos participam do bloco tocando principalmente instrumentos de percussão. Imagine que espetáculo maravilhoso!

✓ **Coco**

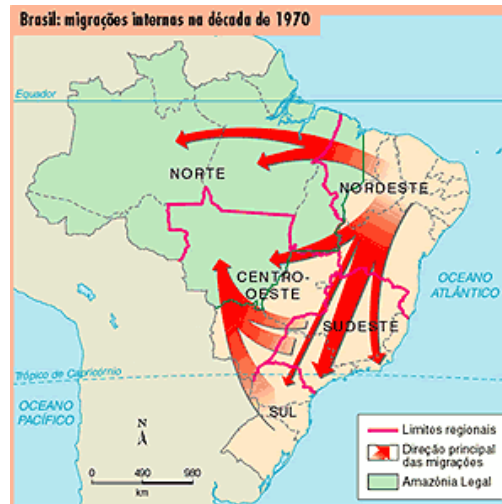
Dança popular de roda do norte e nordeste do Brasil, originária de Alagoas, acompanhada de canto e percussão. Acredita-se que tenha nascido nas praias, daí o seu nome. O ritmo sofreu várias alterações com o aparecimento do baião nas caatingas e agreste. Como compositor que popularizou o ritmo podemos citar Jackson do Pandeiro.

✓ **Bumba-Meu-Boi**

No Brasil de Norte a Sul encontramos a brincadeira de boi (boi fingido), conforme a região estes possuem características e nomes distintos. É um bailado popular brasileiro, cômico-dramático, organizado em cortejo, com personagens humanos (Pai Francisco, Mateus, Bastião, Arlequim, Catirina, Capitão Boca-Mole, etc.), animais (o Boi, a Ema, a Cobra, o Cavalo-Marinho, etc.) e fantásticos (a Caipora, o Diabo, o Morto-Carregando-o-Vivo, o Babau, o Jaraguá, etc.), cujas peripécias giram em torno da morte e ressurreição do boi. São palavras sinônimas: boi, boi-bumbá, boi-calemba, boi-calumba, boi-de-mamão, boi-de-melão, boi-melão, boi-de-reis, boi-pintadinho, boi-surubim, boizinho, bumba, bumba-boi, cavalo-marinho, rei-de-boi, reis-de-boi, reisado cearense. (Dic. Aurélio).

Capítulo 13

Migrações no Brasil



O termo migração corresponde à mobilidade espacial da população, ou seja, é o ato de trocar de país, de região, de estado ou até de domicílio. Esse fenômeno pode ser desencadeado por fatores espontâneos (forças de atração) ou forçados (forças de repulsão) de origem.

As migrações surgem como resposta às fortes desigualdades econômicas, sociais e ambientais entre as diferentes regiões do mundo. É a busca por melhores condições de vida.

Temos dois tipos de áreas para que haja uma migração, que são elas:

- ✓ **Áreas de Repulsão de População** – são áreas que perdem população em consequência de diversos fatores, tais como a estagnação econômica, a utilização de tecnologia na agricultura dispensando um grande número de trabalhadores, concentração fundiária (de terras), etc.
- ✓ **Áreas de Atração de População** – são áreas que recebem população de outras áreas. A atração é exercida por vários fatores, entre eles, melhor oferta de emprego, maior facilidade de acesso a terra, etc.

Imigrações no Brasil

Desde o início da Colonização Brasileira, o país recebe pessoas de todo o mundo. Durante os primeiros anos da colonização, essa imigração, ou seja, a vinda de pessoas de outras partes do mundo para o Brasil acontecia de forma espontânea.

Quando a notícia do “descobrimento” das Américas espalhou-se na Europa, muitas pessoas vieram para o Brasil para explorar o “Novo Mundo”.

A partir do século XVIII, com a ameaça de invasão espanhola, a imigração para o país passou a ser incentivada, inicialmente pela Coroa Portuguesa e, depois da independência, pelos governos seguintes.

Isso ocorreu tanto como uma forma de ocupação e proteção do território brasileiro, uma vez que, com uma numerosa população, a Coroa Portuguesa teria um controle maior sobre as fronteiras do país, quanto como uma estratégia de fomento ao

desenvolvimento do país, já que, para explorar o território, era preciso muita mão de obra.

Durante o Período Colonial, Portugal incentivava a imigração oferecendo viagem gratuita, gado, cavalo, armas, ferramentas, alimentos e terras para milhares de portugueses. Outro fluxo migratório que se iniciou no período colonial foi a migração forçada de negro-africanos para servirem de mão de obra escrava para o desenvolvimento da economia da colônia.

Estima-se que 5,5 milhões de negros saíram da África para serem escravizados no Brasil. Desses, 4,8 milhões chegaram vivos em nosso país.

Com a pressão inglesa para a libertação dos escravos, que culminou no fim do tráfico negreiro em 1850 e na abolição da escravidão em 1888, houve uma intensificação da imigração para o Brasil, já que era necessário substituir a mão de obra escrava por assalariada barata, mas que tivesse domínio das técnicas de produção agrícolas e manufatureiras da Europa.

Assim, grandes levas de migrantes entraram no Brasil durante 1850 e 1934 e tiveram grande influência no desenvolvimento econômico e social do país nesse período. Os principais grupos de migrantes que vieram para o Brasil nesse período foram:

✓ **Portugueses** – no fim do século XIX, em virtude das difíceis condições econômicas de Portugal, muitos portugueses vieram para o Brasil, espalhando-se por diversas regiões, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

✓ **Alemães** – a imigração alemã no país começou a partir de 1824 e estendeu-se ao longo do século XX. A maioria dos migrantes alemães fixou-se em Santa Catarina (Vale do Itajaí), Rio Grande do Sul (Novo Hamburgo, Estrela, Lajeado e Vale dos Sinos), Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Eles especializaram-se na produção de policulturas alimentícias.

✓ **Italianos** – a imigração de italianos ficou mais consistente a partir de 1870, quando a Itália passava por conflitos internos, e foi bastante importante para o Brasil, já que eles substituíram a mão de obra escrava nas fazendas de café e possuíam o conhecimento das técnicas de produção de manufaturas, fundamentais para a instalação das primeiras indústrias no país. A maior parte dos migrantes italianos fixou-se em São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

✓ **Espanhóis** – vieram para o país, em maior número, no final do século XIX e fixaram-se principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

✓ **Sírios e Libaneses** – começaram a chegar ao Brasil no final do século XIX, motivados pelas dificuldades enfrentadas por eles nos seus países de origem. Fixaram-se em São Paulo, Pará, Amazonas, Acre e no Ceará e desenvolveram, principalmente, atividades comerciais.

✓ **Japoneses** – chegaram a maior número a partir de 1908, quando o Japão sofria com um sério problema econômico e grande parte de sua população passava fome. Concentraram-se principalmente em São Paulo, Paraná, Pará e Mato Grosso do Sul,

onde desenvolviam atividades agropecuárias. Foram responsáveis pela implantação de novas técnicas de cultivo e produção no país.

Com o grande crescimento demográfico das primeiras décadas do século XX, os governos brasileiros passaram a dificultar a vinda de migrantes, visando ao não comprometimento da oferta de emprego para a população que já vivia no Brasil. Para se ter uma ideia, a Constituição de 1937 previa um sistema de cotas de migrantes em que só eram aceitos 2% do total de migrantes de cada nacionalidade dos últimos 50 anos, limitando, assim, drasticamente o acesso dos imigrantes ao país.

A partir de 1934, embora a imigração para o Brasil tenha diminuído seu ritmo, ela continuou acontecendo. Estima-se que mais de um milhão de pessoas tenham entrado no país entre os anos de 1934 e 2005. Atualmente, com o crescimento econômico brasileiro e a crise mundial dos últimos anos, houve um crescimento da quantidade de imigrantes no país. Segundo estimativas do Ministério da Justiça³, o número de estrangeiros legais no Brasil aumentou cerca de 60%, passando de 960 mil para 1,54 milhão de pessoas de 2010 até 2012. Além disso, cresceu o número de imigrantes em situação irregular no país. Esses migrantes são originários, principalmente, dos países vizinhos e vem em busca de empregos em confecções, comércio, construção civil etc.

Essa intensa migração para o Brasil alterou profundamente a nossa cultura. Quando os portugueses chegaram ao país, eles não consideraram a cultura dos povos que aqui viviam e impuseram seus hábitos e valores culturais. Com a chegada dos demais imigrantes, novos elementos culturais foram sendo inseridos na cultura brasileira. Atualmente a cultura brasileira é multicultural, isto é, possui elementos de diversas culturas, tanto dos povos autóctones que viviam no país e que conseguiram perpetuar suas tradições quanto dos povos que chegaram ao país a partir do início da colonização.

Imigrantes a partir do Século XIX

Ao longo do século XIX, quase dois milhões de europeus se instalaram no Brasil, afugentados por problemas políticos e econômicos que atingiam a Europa nesse período e atraídos pela possibilidade de ocupar vastos territórios despovoados e fornecer mão-de-obra às grandes lavouras de café que se expandiam ao Sudeste do país.

Compreensão

Leia o poema.

A triste partida

(...) O carro já corre,
No topo da serra
Olhando pra terra.
Seu berço, seu lá.
Aquele nortista
Partindo de pena

De longe acena:
Adeus, Ceará!
No dia seguinte,
Já tudo enfadado,
E o carro embalado,

Veloz a correr,
Tão triste, coitado,

Falando saudoso

Seu filho choroso

Exclama a dizer:

– De pena e saudade,

Papai sei que morro!

Meu pobre cachorro

Quem dá de comer?

Já estou a perguntar:

– Mãezinha, e meu gato?

Com fome, sem trato,

Mimi vai morrer!

E a linda pequena

Tremendo de medo:

– Mamãe, meus brinquedo!

Meu pé de fulô!

Meu pé de rosêra,

Coitado, ele seca!

E a minha boneca

Também lá ficou (...)

Patativa do Assaré. Canção citada em Helder Pinheiro. Cordel na sala de aula. São Paulo: Duas cidades, 2001.

Migração e imigração

✓ **Emigrante** – é a pessoa que sai do seu país.

✓ **Imigrante** – é a pessoa que sai do seu país para morar em outro.

✓ **Migrante** – é aquele que muda de lugar, estado ou região de um mesmo país.

Compreensão

1. Qual é o título do poema?

2. Marque no poema palavras escritas erradas. Em sua opinião por que o poema é escrito assim?

3. Qual é o tema do poema?

4. Quem é o autor do poema?

5. As pessoas retratadas no poema estão felizes? Justifique sua resposta.

6. João decidiu sair de seu país. Ele é um?

7. Pedro saiu da Itália e veio morar no Brasil. Ele é um?

8. Maria saiu de Pernambuco para morar em São Paulo. Ela é uma?

9. Cite alguns motivos que levam as pessoas a migrarem de um lugar para o outro.

10. Em que século começaram a vir os imigrantes para o Brasil?

Capítulo 14

História da Escravidão

Agora, trataremos de um capítulo triste de nossa História – a escravidão.

Ao falarmos em Escravidão, é difícil não pensar nos comerciantes portugueses, espanhóis e ingleses que superlotavam os porões de seus navios de negros africanos, colocando-os a venda de forma desumana e cruel por toda a região da América. Sobre este tema, é difícil não nos lembrarmos dos capitães-do-mato que perseguiram os negros que haviam fugido no Brasil, dos Palmares, da Guerra de Secessão dos Estados Unidos, da dedicação e ideias defendidas pelos abolicionistas, e de muitos outros fatos ligados a este assunto.

Apesar de todas estas citações, a escravidão é bem mais antiga do que o tráfico do povo africano. Ela vem desde os primórdios de nossa história, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores. Podemos citar como exemplo os hebreus, que foram vendidos como escravos desde os começos da História. Muitas civilizações usaram e dependeram do trabalho escravo para a execução de tarefas mais pesadas e rudimentares. Na Antiguidade Clássica (Grécia e Roma) havia um grande número de escravos; contudo, muitos de seus escravos eram bem tratados e tiveram a chance de comprar sua liberdade.

Escravidão no Brasil

No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Os portugueses traziam mulheres e homens negros africanos de suas colônias na África para utilizar como mão de obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam estes negros africanos como se fossem mercadorias aqui no Brasil. Os mais saudáveis chegavam a valer o dobro daqueles mais fracos ou velhos.

O transporte era feito da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros (também conhecidos como tumbeiros). Amontoados, em condições desumanas, muitos morriam antes de chegar ao Brasil, sendo que os corpos eram lançados ao mar. Nas fazendas de açúcar ou nas minas de ouro (a partir do século XVIII), os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam muito (de sol a sol), recebendo apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade. Passavam as noites nas senzalas (galpões escuros, úmidos e com pouca higiene) acorrentadas (para evitar fugas). Eram constantemente castigados fisicamente, sendo que o açoite era a punição mais comum no Brasil Colônia.

Eram proibidos de praticar sua religião de origem africana ou de realizar suas festas e rituais africanos. Tinham que seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, adotar a língua portuguesa na comunicação. Mesmo com todas as imposições e restrições, não deixaram a cultura africana se apagar. Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas, mantiveram suas representações artísticas e até desenvolveram uma forma de luta: a capoeira.

As mulheres negras também sofreram muito com a escravidão, embora os senhores de engenho utilizassem esta mão de obra, principalmente, para trabalhos domésticos.

Cozinheiras, arrumadeiras e até mesmo amas de leite foram comuns naqueles tempos da colônia.

No Século do Ouro (XVIII) alguns escravos conseguiam comprar sua liberdade após adquirirem a carta de alforria. Juntando alguns "trocados" durante toda a vida, conseguiam tornarem-se livres. Porém, as poucas oportunidades e o preconceito da sociedade acabavam fechando as portas para estas pessoas.

O negro também reagiu à escravidão, buscando uma vida digna. Foram comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam, formando nas florestas os famosos quilombos. Estes eram comunidades bem organizadas, onde os integrantes viviam em liberdade, através de uma organização comunitária aos moldes do que existia na África. Nos quilombos, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos. O mais famoso foi o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi.

Campanha Abolicionista e a Abolição da Escravatura

A partir da metade do século XIX a escravidão no Brasil passou a ser contestada pela Inglaterra. Interessada em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo, o Parlamento Inglês aprovou a Lei Bill Aberdeen (1845), que proibia o tráfico de escravos, dando o poder aos ingleses de abordarem e aprisionarem navios de países que faziam esta prática.

Em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou a Lei Eusébio de Queiróz que acabou com o tráfico negreiro. Em 28 de setembro de 1871 era aprovada a Lei do Ventre Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. E no ano de 1885 era promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade.

Somente no final do século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. Aqui no Brasil, sua abolição se deu em 13 de maio de 1888 com a promulgação da Lei Áurea, feita pela Princesa Isabel.

A vida dos negros após a Abolição da Escravidão

Se a lei deu a liberdade jurídica aos escravos, a realidade foi cruel com muitos deles. Sem moradia, condições econômicas e assistência do Estado, muitos negros passaram por dificuldades após a liberdade. Muitos não conseguiam empregos e sofriam preconceito e discriminação racial. A grande maioria passou a viver em habitações de péssimas condições e a sobreviver de trabalhos informais e temporários.